



Universidade de Brasília
Faculdade de Educação
Curso de Graduação em Pedagogia

**MEMÓRIAS SOBRE DIVERSIDADE SEXUAL E DE GÊNERO DE UM
PROFESSOR EM FORMAÇÃO: FAMÍLIA, ESCOLA E RELIGIÃO**

Wériklis Marques Almeida

BRASÍLIA/2018



Universidade de Brasília
Faculdade de Educação
Curso de Graduação em Pedagogia

Wériklis Marques Almeida

**MEMÓRIAS SOBRE DIVERSIDADE SEXUAL E DE GÊNERO DE UM
PROFESSOR EM FORMAÇÃO: FAMÍLIA, ESCOLA E RELIGIÃO**

Trabalho de conclusão de curso apresentada à banca examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília como exigência final para obtenção do título de Pedagogo.

Orientadora: Profa. Dra. Patrícia Lima Martins Pederiva

Coorientador: Prof. Me. Fabrício Santos Dias de Abreu

TERMO DE APROVAÇÃO

Wériklis Marques Almeida

MEMÓRIAS SOBRE DIVERSIDADE SEXUAL E DE GÊNERO DE UM PROFESSOR EM FORMAÇÃO: FAMÍLIA, ESCOLA E RELIGIÃO

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à banca examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, como requisito para a obtenção do grau de Pedagogo. Apresentação ocorrida em 11 de dezembro de 2018.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Patrícia Lima Martins Pederiva - Orientadora

Departamento de Métodos e Técnicas/FE/UnB

Prof. Me. Fabrício Santos Dias de Abreu – Coorientador

Grupo de Estudos e Pesquisas em Práticas Educativas/PPGE /FE/UnB

Prof.^a Me. Saulo Pequeno Nogueira Florêncio - Examinador

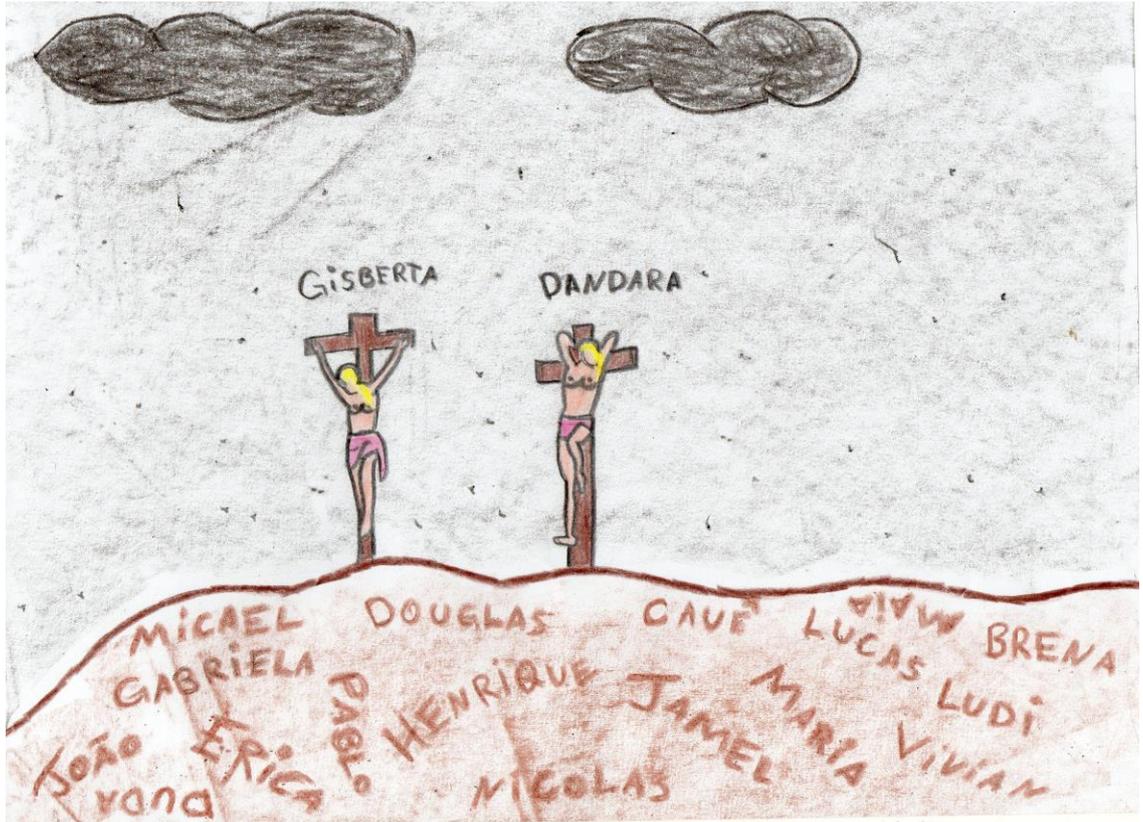
Grupo de Estudos e Pesquisas em Práticas Educativas/PPGE /FE/UnB

Prof.^a Me. Daniela Barros Pontes e Silva – Examinadora

Grupo de Estudos e Pesquisas em Práticas Educativas/PPGE /FE/UnB

DEDICATÓRIA

Dedico essa monografia a todos aqueles que se incluem nas siglas LGBTQ+ (Lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e queers). Todos aqueles que lutam todos os dias para existir no mundo, aqueles que temem em demonstrar afetividade em público, todos aqueles que sentem um arrepio nas costas por andar na rua, porque alguma coisa pode acontecer. Dedico também a todas as crianças que são forçadas a conter o seu eu, para agradar o eu do próximo, dedico a todos os mortos pelo preconceito, dedico em especial, para Dandara e Gisberta. Dedico aos pais que aceitaram seus filhos independente das diferenças. Continuem as lutas, e mesmo que o preconceito nos ceife a vida, continuaremos.



(Imagem 01 – O Crucificar das Deusas – autor: Weriklis Marques, 2018)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Patrícia Pederiva por me mostrar a minha potencialidade enquanto ser humano, agradeço a ela também pela oportunidade de trabalhar com as pessoas incríveis que a cercam. Agradeço ao meu Coorientador Fabricio por ser essa pessoa incrível, e que tornou o meu processo de escrita muito mais agradável, segurou minhas pontas quando precisei, acreditou no meu trabalho desde o primeiro momento, disse o que tinha que dizer e buscou comigo os melhores resultados.

Quero agradecer Poliane Jaiane e João Carlos Superbi, por sempre estarem comigo, trazendo de volta a minha sanidade mental, quero agradecer pelos conselhos, pelas cervejas e vinhos.

Agraço também aos meus pais por compreenderem meu estresse e fazerem silêncio quando eu pedia, agradeço pelas garrafas de café feitas pela minha mãe para me manter acordado.

Quero agradecer ao grupo PET-Educação (Programa de Educação Tutorial) por serem essas pessoas maravilhosas, que estão de mãos dadas caminhando e lutando pelos objetivos que compartilham.

RESUMO

A monografia intitulada *Memórias sobre diversidade sexual e de gênero de um professor em formação: Família, escola e religião* visa problematizar as memórias das vivências do autor a respeito dos seus processos sociais, dentro da escola, do meio familiar e de sua religião criticando a violência nessas instituições na composição dos corpos homossexuais. A monografia se divide em três capítulos: o primeiro, intitulado *Infância, gênero, e normatização do corpo*, relata a vigilância e os cerceamentos dos processos criadores das crianças, com o intuito de reforçar a heterossexualidade esperada dos indivíduos e entendida como natural. O segundo capítulo, *Morte, suicídio e a ligação com a família*, mapeia dados sobre o número de mortes no Brasil de membros da comunidade LGBTQ+ detalhando ano, quantidade e causas mortuárias, ainda nesse se faz a reflexão sobre o papel que a família tem nos caminhos dessa comunidade, e os reflexos que esse apoio, ou a falta do mesmo pode causar na constituição do sofrimento psíquico. O último capítulo, *Religião e os impactos nos corpos estranhos*, discute acerca da visão de várias religiões a respeito da homossexualidade e denuncia os efeitos perversos de uma experiência religiosa pautada em exclusões a partir relatos de pessoas que cresceram e se desenvolveram dentro de igrejas e depois se assumiram homossexuais. A monografia contribui para os processos educativos dos alunos intitulados *queers*, com a desconstrução da perspectiva heteronormativa de infância, combatendo assim, a marginalização das crianças que não estão no padrão esperado pela nossa sociedade.

Palavras-chaves: Homossexualidade; Gênero, Preconceito; Educação.

The entitled monography "Memories of sexual and gender diversity from a teacher in training: Family, school and religion" aims to discuss the author's memories of experiences about his social interactions, at school, at home and in his religion, pointing out the violence against homosexuals that exists in these institutions. The monography divides itself in three chapters: The first one, entitled "Childhood, gender and body acceptance" reports the supervision and the repression in the process of children development, with the intention of reinforcing heterosexuality that is expected from the people and understood as natural. The second chapter: "Death, suicide and it linkage with family" maps data on the number of casualties of LGBTQ+ community members in Brazil, detailing year, amount and death causes. Still in this chapter it's reflected about the family's role in the LGBTQ+ community path, and what this support or the lack of it may cause in the person's mental health. The last chapter: "Religion and it impacts at different people" discuss about distinct religions points of view about homosexuality and reports the wicked effects of a religious experience ruled by exclusions from stories of people who grew up and developed in churches and then came out as homosexuals. The monography supports the educational process of the students identified as 'queers', with the break up of the heteronormative perspective in the childhood, opposing the marginalization of children that doesn't fit the mold expected by our society.

Keywords: Homosexuality; Gender; Prejudice; Education.

SUMÁRIO

PARTE I- MEMORIAL.....	página 9
PARTE II – ESTUDO MONOGRAFICO.....	Página 14
APRESENTAÇÃO.....	Página 15
1. CAPÍTULO – Infância, Gênero e normatização do corpo.....	Página 17
2. CAPÍTULO – Suicídio Morte e a ligação com a família.....	Página 27
3. CAPÍTULO- Religião e o impacto nos corpos estranhos.....	Página 39
4. CAPITULO- O fim dos relatos do começo de uma vida de luta.....	Página 48
PARTE III - PERSPECTIVAS FUTURAS.....	Página 52
REFERÊNCIAS.....	Página 53

PARTE I
MEMORIAL

MEMÓRIAS DE UMA CRIANÇA VIADA

Me chamo Weriklis Marques Almeida, tenho 21 anos, Gay, as vezes evangélico, vim de uma família intitulada *tradicional*, mãe, pai, e dois irmãos. Minha história começa quando eu chego em Brasília no ano de 2002, depois de encarar três dias de viagem vindo de Ariquemes-RO, digo que minha história começa desse ponto pelo fato de ser as minhas primeiras memórias reais em relação a minha própria vida. Depois de encarar toda essa trajetória de ônibus, chegamos na casa do meu tio, no qual vivemos um período curto de tempo até termos nossa própria casa em Samambaia-DF. E é lá onde eu vivi e sofri o que venho relatar nesse TCC.

Ainda criança percebia que as coisas eram diferentes para mim, o jeito que eu me comportava, as coisas que queria brincar, eu sabia, eu sempre soube, meus pais sempre souberam. Todos sempre diziam, mas ninguém me orientava, ou talvez me orientassem, não da forma que eu queria ser orientado, mas do jeito que eles achavam que deveriam me orientar. É uma pena que não foi saudável para mim, e que ainda não é bom para muitas outras crianças que estão passando pela mesma situação que eu passei. Ainda assim, mesmo com tanta negligencia com o meu eu, eu os perdoo, do fundo do meu coração, eu demorei anos para me entender, e eu sempre vivi aqui, dentro de mim, imagina uma pessoa que não tem o mínimo conhecimento do ser que eu poderia me tornar... eu os perdoo.

É engraçado o fato das pessoas nos intitularem quando nem mesmo sabemos o que somos, lembro-me de pensar quando me xingavam de gay - “*Ok, talvez eu seja gay, mas eu ainda não sei se sou*”. Na verdade, eu sabia, eu só tinha muita vontade de não ser. Eu não

poderia ser gay, estava fora de tudo, eu não nasci para isso, eu poderia ter aprendido algum instrumento e ir toca-lo na igreja como meu pai sempre sonhou, eu poderia ter tido uma mulher e filhos como minha mãe sempre pediu e almejou. Eles me deram todas as ferramentas para que eu me tornasse o filho ideal para eles, pena que esse não foi o filho que eles haviam concebido. Ainda penso em como seria perfeito todos nós na igreja, eu tocando com meu pai, minha mãe sentada na plateia, ao lado da minha esposa, seria lindo né? Mas esse não sou eu, esse não é o Weriklis. É uma ideia de futuro que os pais planejam para os filhos quando eles nascem, ainda bem que eu não assinei nenhum contrato, porque se não, teria de procurar um advogado para quebra-lo, por que mais uma vez, esse não sou eu. Aos pais, parem de construir o futuro de seus filhos, deem possibilidades a eles, porque assim terão oportunidades de trilharem seus próprios caminhos, porque o que você planejou para Maria, João e José, há muita possibilidade de não ser o que Maria, João e José querem, mesmo assim, nós os perdoamos.

Uma certa vez em um mercado, eu queria muito comprar uma boneca da cantora Sandy, eu queria muito, mas que tudo, meus pais não compraram obviamente. Não era apropriado para um menino brincar de boneca, mas eu muito escorpiano que sou, quis tanto aquela boneca que adoeci. Eles tiveram que comprar, foi tão memorável que ainda me lembro dos cabelos dela, do tamanho e do vestido cor de rosa, ela era meu xodó, nada me desgrudava dela, nem as falas do tipo: - *“Você é menino, menino não brinca de boneca”*. Será que eles realmente cogitavam a ideia de que esse argumento chulo ia me fazer desistir dela? Se eles pensaram assim, estavam completamente errados, ela era minha, eu havia conquistado, o fim da minha linda boneca Sandy, foi bem trágico, meus pais jogaram fora, e fim, nunca mais há vi, boneca Sandy, onde quer que esteja, eu ainda amo você.

Esses episódios sempre aconteciam na minha infância, era muito real. Eu e meu irmão pegávamos fitas cacetes velhas, tirávamos a parte interna que tinha fita, cortávamos em tamanhos iguais simulando mechas de cabelo, depois colocávamos elas presas em um pregador, desenhávamos olhos e bocas. Pronto tínhamos uma boneca, e se quiséssemos poderíamos enrolar o cabelo passando uma tesoura. Me pergunto agora, se tínhamos muita criatividade, ou se era a precisão construindo a adaptação, talvez eu nunca saiba, eu sei que aquelas tardes eram lindas.

Rosa era uma cor fascinante, que tom lindo, não era escuro e nem claro, era harmonioso. Todas as meninas usavam, mochilas, lápis, tênis, estojo, caderno com glitter cor de rosa, desenho nas margens e ainda tinha cheirinho de morango. Era tudo lindo, eu amava rosa, e como tê-lo era proibido, por ser tão errado meninos usarem rosa, eu morria de vontade,

queria usar aquele rosa, ai o rosa... uma palavra que tem quatro letras e tanto peso por trás, quem construiu a imagem dessa cor linda? Era uma cor, eu era uma criança, o que tínhamos de comum? Muitos rótulos estampados.

Me atingiram de várias formas, minhas amizades eram cautelosas, você meu caro leitor, já foi proibido de ir na casa de um colega por ele mesmo por causa pessoa que você é? Ou até mesmo já foi proibido de ser amigo de uma pessoa pelo que ela representa? Convido você a refletir sobre isso, comigo já aconteceu as duas situações, por isso que as amizades de meninas eram mais fáceis para mim, elas eram mais gentis e me protegiam dos meninos. Já a minha relação com os meninos era complicada, eu me sentia forçado a andar, falar, e me comportar como eles, era muito complicado porque eu não era daquele jeito. “- *Rebola menos, engrossa a voz*”, diziam. É muito difícil agir assim, eu não conseguia ser parecido com eles, porque eu era peculiar de mais. Quando eu tinha amizades de meninos era muito difícil que eles me levassem nas suas casas. Aliás, que pai vai querer que seu filho ande com um gay? O que os vizinhos pensariam sobre esse afeto? E mais uma vez eu fui marginalizado, mas no sentido real da palavra, que é: colocado a margem. Eles não me derrubariam, eu sabia disso, tudo bem, não me levem para suas casas, não me deixem brincar com seus filhos, eu sabia que um dia isso mudaria.

Meu brinquedo favorito era peças lego, elas eram incríveis. Nessa época meu irmão ficou muito doente e se afastou de mim, eu estava sozinho, e o lego acessava diretamente a minha imaginação. Com elas eu poderia construir um castelo, um robô, poderia ser um cavaleiro e também a princesa, igual a Carmelita Spats, uma personagem muito forte da série de livros *Desventuras em Série* - que por sinal são meus livros favoritos. Carmelita se intitula “*princesa bailarina sapateadora e veterinária encantada*” e eu também podia ser tudo isso com minhas pecinhas, eu podia ser o que quisesse, o melhor de tudo é que só eu via o que estava construindo, meu lugar favorito de brincar era na quina das paredes, eu nem precisava falar em voz alta, podia conversar na mente, assim ninguém saberia se eu fosse a princesa ao invés de o cavaleiro, mas havia um problema, eu sabia que queria ser a princesa, e também sabia que não poderia ser ela, e nem deixar que as pessoas soubessem que eu queria ser.

Me pergunto como fui tão forte na infância. Ser xingado todos os dias, ter a exigência de um comportamento que não te representa, um desejo afetivo que não te contempla, sendo colocado dentro de você todos os dias, são coisas que eu, hoje adulto, não suportaria. Tento procurar a fonte de tanta força, eu sobrevivi, um dia depois do outro, e a cada xingamento que eu ouvia mais na defesa eu ficava. Isso se repassou durante tanto tempo que comecei a me perceber como opressor, eu enfrentava aqueles que me oprimiam e depois oprimia os

menores. Entendo minhas atitudes, eu precisava de ajuda, e só podia contar comigo mesmo, eu precisava de ajuda, alguém pode me ajudar? Não estava tudo bem, será que os professores não viam nos corredores? Será que a direção, a equipe gestora, a porteira, a servidora, não via? Ninguém via? Eu acredito que sim, eles viam, mas era muito melhor que eu aprendesse a ser *homem* do que alguém *defendendo* minha homossexualidade, e mesmo assim eu mais uma vez os perdoo.

Nunca gostei de jogar futebol, não fazia sentido, os meninos eram tão agressivos quando a bola caía em campo. Eu preferia a queimada, mas queimada era de menina, então eu fui pular corda, mas pular corda também era de menina, amarelinha? De menina, brincar de comida? De menina. Dançar? De meninas. Eu tinha que jogar bola, então eu simplesmente não fazia nada, meninos e meninas podiam brincar de pique pega, era a melhor hora com certeza. Olha que legal, todo mundo brincava junto, como deveria ser em todas as outras brincadeiras já citadas.

E se eu fosse uma menina e não um menino? Eu me perguntei isso durante tanto tempo, mas percebi que não. Eu era menino, gostava de ser um menino, eu só era diferente, e as pessoas não entendiam. Mas na minha escola também tinha meninos iguais a mim, então eu já não era diferente e sozinho. NÓS éramos diferentes, e é tão bom quando nos identificamos, era quase como se fossemos idênticos, uns protegendo os outros. Perto deles estava tudo bem. Ter voz fina, andar do jeito que eu sempre andei, brincar do que eu sempre quis brincar, era mais fácil estar com eles, não éramos muitos, mas tínhamos uns aos outros. Alguns de nós na vida adulta se assumiram enquanto gays, outros constituíram famílias heterossexuais, o que me mostra que não necessariamente gostar de rosa, bonecas e brincar do que a sociedade intitula brincadeira de menina me tornaria um indivíduo gay. Não é no brincar e nem em qualquer outro espaço que eu aprendi a ser gay, eu apenas sou.

Queria ter a oportunidade de perguntar para os meus professores o porquê eles deixaram que eu fosse tratado daquela forma. Eu não merecia aquilo, eu e nenhuma outra criança deveria ter passado por isso. E é por isso que hoje eu prometo que me tornarei um professor melhor do que os que eu tive. Muito obrigado aos meus mestres pelos ensinamentos, mas vocês deixaram feridas no meu povo que não estamos conseguindo fechar. Eles fizeram o que acharam certo para eles, mas não foi o certo para mim. Eu precisava ser compreendido, eu só queria brincar, seja essa brincadeira qual for, eu só queria ter tido a oportunidade de ser eu, e mais uma vez, prometendo ser a última, eu, Wérikliis Marques Almeida, eu os perdoo.

PARTE II
ESTUDO MONOGRAFICO

APRESENTAÇÃO

Esse Trabalho de Conclusão de Curso foi escrita a partir da necessidade de expor e analisar os processos excludentes nos quais os indivíduos LGBTQ+ enfrentam nas suas vivências do dia a dia, desde sua infância até a fase adulta. O trabalho foi construído nas bases da Perspectiva Histórico-Cultural, utilizando os conhecimentos elaborados de Vigotski - autor principal dessa teoria.

No primeiro capítulo, denominado *Infância, Gênero e normatização do corpo*, falaremos sobre infância, gênero e normatização do corpo, sendo esses corpos de todos aqueles que se incluem na sigla LGBTQ+. Também enfatizamos as leituras de gênero a partir das brincadeiras que os adultos ministram para as crianças filtradas pelo seu sexo, essas brincadeiras têm o objetivo de determinar o comportamento futuro dessas crianças que se tornarão adultos. Falamos também sobre as crianças que se opõem a esse sistema de castração da brincadeira e quais os efeitos que essa ação de oposição causa a elas. O papel que o professor deveria exercer, e o que o não cumprimento, desse papel pode causar, é também enfatizado neste capítulo.

O segundo capítulo intitulado *Suicídio, morte e a ligação com a família* traz dados sobre a violência, sendo ela mental ou física, dentro do âmbito familiar ou social, e os impactos que essa violência causa para os indivíduos. Traremos os dados percentuais da dissertação de mestrado de Gustavo Saegge na tentativa de discutir acerca das possibilidades que os LGBTQ+ tem de perder sua família e seus amigos ao se posicionarem na sociedade.

Nesse capítulo também discutimos casos que revolucionaram como o caso do Menino Jamel Myles, Gisberta e Dandara, esses casos mudaram a perspectiva de como as políticas públicas enxergam as pautas dos LGBTQ+.

O terceiro capítulo, chama-se *Religião e o impacto nos copos estranhos*, fala sobre religião e como essas instituições podem interferir nas nossas vidas cotidianas. Trago relatos de LGBTQ+'s que vivenciaram a religião de perto e falam sobre os impactos que essa experiência causou ao seu indivíduo. Venho também comparando as visões das religiões a respeito do tema e comentando aquilo que seus livros sagrados dizem, trago como referência o espiritismo, islamismo e o cristianismo como principais fontes de comparação.

A metodologia para a construção da monografia foi o uso das minhas memórias enquanto criança, adolescente e adulto gay. Essas memórias foram acessadas de uma forma um tanto quanto dolorosa, acessar minha criança e adolescente foi de um impacto muito grande no meu adulto de hoje em dia, para transcrever minhas memórias, utilizei cartas, escritos por mim para eu mesmo no passado ou presente. Também escrevi cartas para a minha família e os religiosos que conheci na minha caminhada, com isso Vigotski nos diz sobre o papel da memória:

"A essência da memória humana está no fato de os seres humanos serem capazes de lembrar ativamente com a ajuda de signos".

(Vygotsky apud COLE, 1998, p.01)

O signo que me fez resgatar essa essência da memória, foram os temas que escolhi para trabalhar dentro dessa monografia, esses temas resgataram minhas memórias de uma forma um tanto quanto impactante, por isso as cartas dão embasamento aos capítulos, por me ligar diretamente a eles com as vivências.

CAPITULO 1- INFÂNCIA, GÊNERO, NORMATIZAÇÃO DOS CORPOS

De: Wériklis do presente

Para: Pequeno Wériklis

Oi, tudo bem por aí? Por aqui estamos com algumas dificuldades, mas tudo vai ficar bem eu prometo, queria conversar com você sobre algumas coisas, sabemos que precisamos conversar e estamos adiando há um tempo né? Acho que não tem mais para onde correr, precisamos conversar.

Eu sei que as coisas não estão bem, eu sei de tudo, não precisa esconder esse segredo de mim, aqueles tapas doeram né? Eu sei, eu também já levei uns daqueles, mas preste muita atenção, guarde cada tapa destes, daqui a pouco te explico o porquê. Eu também sei que somos muito felizes, temos muitos amigos, cuide muito deles, eles ainda estão por aqui, acho que vão ser para sempre, e você vai ajudá-los daqui uns anos, como? Daqui a pouco eu também vou te explicar isso.

É muito constrangedor ser xingado todos os dias né? É muito cansativo ter que ficar se provado para as pessoas, você não precisa disso, sério, seja você mesmo, eu sei, é uma forma de se poupar dos xingamentos na rua e das agressões, mas elas vão continuar acontecendo, amanhã vai ser mais difícil que foi hoje, não vá ao banheiro na hora do intervalo, espere até chegar em casa, se não ele vai te bater de novo.

Está percebendo suas mãos suadas? O nome disso é hiperidrose, uma reação das glândulas sudoríparas do seu corpo ao estresse, foi nessa fase que ela começou, e ainda temos ela, solte suas mãos quando for ao mercado ou padaria, não precisa apertar os dedos com tanta força, os vizinhos ainda estão te olhando e te julgando mesmo que você faça muita força, solte seu quadril, relaxe seus ombros, nada que você possa fazer vai te livrar do olhar lançado por eles, mas um dia eu te prometo que esse jogo mudará.

Preste muita atenção no que vou te dizer agora, não desista de nenhuma das suas escolhas, olhando agora eu percebo que se você desistir de alguma coisa, eu não conseguirei ser a pessoa que sou, então eu preciso que você continue, para que eu possa continuar, as pessoas vão tentar te desanimar, até os seus pais, eles não fazem por mal, eu juro, mas você precisa dessas atitudes mais firmes, então não desista porque ainda que distante, eu preciso de você.

Depois que todas essas escolhas duras, você se tornará alguém totalmente novo, você ficará mais forte, as críticas dos seus vizinhos não te afetarão mais, porque até eles reconhecem seu sucesso, você perceberá que passou por muita coisa e se orgulhará de tudo, esse Wérikli é forte, mas essa força também nos deixou insensível, sempre na defensiva, e essa defesa há de machucar pessoas, então, tome cuidado.

Você precisou sofrer para que eu me tornasse quem sou, me desculpe por isso, de verdade, e é em lágrimas que te escrevo essa carta, estamos trabalhando para construir um lugar melhor para que crianças como nós não precisem de processos tão duros, então resista, resista por mim, resista pelas crianças que vamos ajudar, resista por seus amigos que precisarão das suas experiências para se tornarem quem querem ser, resista por seus pais, que mesmo com tanta dificuldade, amam você e amarão quem você será, resista por você mesmo, RESISTA.”



(Imagem 02 – O peso do corpo estranho – Autor: Wérikli Marques, 2018)

(...)

A infância é uma etapa fundamental na vida do ser humano, é onde esse ser começa a experimentar o mundo em que vive e se identifica como parte dele, como atuante nos processos ao seu redor. Essa etapa do desenvolvimento humano é considerada uma fase de conhecimento e inserção no mundo da cultura, em que se torna necessário que se experimente o máximo de coisas possíveis: tocar os pés na areia, na terra, na calçada, subir em árvores, de cair e se levantar, de amar e ser amado, também de sentir, raiva e tristeza, e de aprender a lidar com esses sentimentos, é uma fase de experimentar. É na infância que se aprende a ser humano e as regras da cultura a qual a criança se insere. Essa ideia de infância é muito bonita, mas sabe-se que, em maioria, não ocorre dessa maneira, todos os dias cerceamos nossas crianças da prática da experimentação do mundo, de estarem presentes, de explorar os espaços com seus corpos, de conhecer a sociedade para além da sua família, retiramos o direito de brincar livremente, de usar a imaginação para onde a mesmo caminhar, e esse cerceamento trará sérios riscos para nossas crianças. Precisamos compreender a infância como uma parte de vida em si, e não um momento de preparação para a vida adulta, a criança

precisa ser compreendida como um sujeito completo em sua fase de vida, e ainda que construindo seus saberes têm tanto direito quanto um adulto nas situações do cotidiano.

Com uma proposta de Psicologia revolucionária, Vigotski e seus colaboradores entendem a infância como o momento importante para o desenvolvimento humano na qual os processos imaginativos são fundamentais para o desenvolvimento da criança. Para Vigotski (2009 p. 16) “a criação é condição necessária para a existência (...) Os processos de criação manifestam-se com toda a sua força já na mais tenra infância (...) Já na primeira infância, identificamos nas crianças processos de criação que se expressam melhor nas suas brincadeiras”.

Assim a brincadeira é um importante indicador do desenvolvimento, influencia diretamente a forma que a criança encara o mundo e suas ações futuras. A brincadeira pode vir de um desejo não satisfeito, por exemplo, a criança tem o desejo de ir ao parque de diversões, quando esse desejo não é concretizado logo a criança se imagina na situação e reproduz utilizando a brincadeira, entretanto é equivocado dizer que toda brincadeira vem desse não cumprimento de desejos, a brincadeira também vem de reprodução das situações do cotidiano, como por exemplo brincar de “comidinha” a criança vê seus pais ou mães fazendo comida, e com essa ação de ver, reproduz dentro da brincadeira. Sobre essa questão, Vigotski (2008) explica:

“Na idade pré-escolar, surgem necessidades específicas, impulsos específicos que são muito importantes para o desenvolvimento da criança e que conduzem diretamente à brincadeira. Isso ocorre porque, na criança dessa idade, emerge uma série de tendências irrealizáveis, de desejos não-realizáveis imediatamente” (p. 25).

Vigostky (2001) diz que as emoções agem como regulador interno do comportamento, a brincadeira pode ajudar a criança a lidar com as emoções, logo a brincadeira interfere diretamente no comportamento e na autorregulação presente da criança, vejamos um exemplo: Um menino e uma menina brincam de mamãe e filhinho, o menino representa a figura do filho, a menina a figura da mãe, o filho agirá como sendo filho que é, já a menina agirá como a mãe que tem usando sua imaginação baseadas nas experiências, uma vez que a menina se coloca no lugar de mãe, vivenciará o que é ser uma mãe, isso pode interferir diretamente no seu comportamento futuro enquanto filha, um outro exemplo desse processo é por exemplo quando um atleta assume por um treino o posto de capitão da sua equipe, ao retornar ao posto de atleta, ele será diferente do atleta que foi um dia, porque vivenciou o papel de capitão, a diferença de um exemplo pro outro, é que a criança ainda não tem a consciência plena dessas funções.

“O olhar Histórico-Cultural acerca do desenvolvimento psíquico na infância provoca o surgimento de uma nova concepção de criança e de infância, da qual três elementos ou princípios são aqui considerados: a atividade da criança, suas relações com o entorno (...) Dito de outra maneira, são as atividades da criança, as suas condições de vida e de educação – o que inclui seu lugar na história e na cultura - e a (...) os elementos ativos e essenciais da sua formação psíquica”. (SOUZA, 2007, P.54).

Para a Perspectiva Histórico-Cultural, conforme temos sinalizado, a imaginação e a brincadeira assumem centralidade para o desenvolvimento psicológico da criança, porém a brincadeira não é uma forma predominante de atividade, mas é a linha principal no desenvolvimento pré-escolar. A brincadeira supre vontades ainda não alcançadas das crianças, por exemplo, crianças brincando de super-heróis, ou de alguma profissão, esse despertar das vontades, criam o enredo das brincadeiras, com isso o artigo intitulado “A brincadeira e o seu papel no desenvolvimento psíquico da criança” (Vigotski, 2008, p. 24-25) nos traz a seguinte passagem: “particularmente, não há como ignorar que a criança satisfaz certas necessidades, certos impulsos, na brincadeira”.

A brincadeira é uma ação muito importante, sendo ela responsável pelo desenvolvimento integral do ser humano, nos aspectos sociais, culturais, cognitivo, afetivo e emocional, é nas brincadeiras onde se estabelecem os papéis sociais que serão futuramente vivenciados pelas crianças, é nesse momento onde as características culturais de gênero são fortalecidas, por exemplo, temos a menina que de presente ganha, geladeira, fogão, rodo e vassoura, porque a sociedade diz que ela deve se tornar uma boa dona de casa, temos os meninos que brincam com bola, carros, robôs, heróis, sempre se projetando para fora do ambiente familiar onde se encontram as meninas, são nessas brincadeiras onde se aprende os seus papéis na sociedade.

“Parecem repetir aquilo que vivem nas suas dinâmicas sociais. Todo material de sua imaginação sugere um aporte na realidade, como se a reproduzisse. Contudo, apesar do caráter reprodutor, os pequenos criam ao imitar. Aspectos novos, palavras criadas, grafias surpreendentes discursos originais sobre o próprio real emergem nos momentos em que narram, brincam ou desenham” (SILVA; ABREU, 2016, p. 140).

Silva e Abreu nos alertam, que apesar da brincadeira ser um ato de imitação do cotidiano vivido pela criança, a mesma recria e inventa novas ações, ainda sem sair do contexto real da brincadeira, um exemplo disso é quando vemos uma menina brincando com uma boneca, e na imaginação que está regendo a brincadeira, a menina está brigando com seu

bebê, ela grita muito e até bate, essa ação não significa literalmente que a mãe dessa criança reproduz exatamente essa atitude mais agressiva, pode ser que haja uma parte criativa da criança sendo ativada na brincadeira, mas certamente há uma verdade na ação do menina perante o modo de tratamento com sua boneca, a criação existe, mas para existir precisa da imitação.

Observe a manipulação do sistema se reinventando, temos a criança como um ser de possibilidades, e a partir da função que a sociedade quer que ele exerça iremos *fixa* nesse ser o seu papel no coletivo utilizando a brincadeira, essa utilização deixará intrínseco na criança seus objetivos enquanto adulto, meninas sempre foram mães, talvez de uma, duas, quatro, dez bonecas, sempre cozinham em seus fogões de plásticos com suas panelinhas cor de rosa, tudo organizado, se algum adulto diz que sua *filha* está chorando, logo a criança saberá o que irá fazer para acalmar esse bebê, dar de mamar, balançar para dormir, cantar uma música, as meninas já são detentoras de todas essas práticas, devemos nos atentar ao fato de que esses conhecimentos não são de um fator biológico do sexo, e sim de construções sociais.

Os meninos, desde pequenos, são excluídos desse papel familiar, por mais que ele seja, em algum momento, membro do mesmo, por exemplo, se as meninas assumem os papéis de mãe, os meninos logo deveriam assumir o de pai, mas esse fator não acontece na maiorias dos casos, os meninos são levados para outro espaço imaginativo, sempre se desafiando, quem corre mais rápido, quem joga futebol melhor, uma eterna competição, mas se o objetivo é a manutenção do papel de *mãe e pai* das crianças, porque não focalizamos os processos imaginativos dos meninos para o papel de pai, que a partir das concepções heteronormativas patriarcais, deveria ser o chefe da família, o provedor do lar.

A maioria das crianças mesmo sem saber, adotam essas brincadeiras, porque para elas são apenas brincadeiras, é divertido, observe que não há nada de errado em brincar de ser mãe, de cozinhar ou de jogar futebol e correr, o real problema é quando essas práticas servem para segregar e manipular as ações desses futuros adultos, a brincadeira deixa de ser instrumento de desenvolvimento enquanto ser de possibilidade, e se torna objeto de adestramento do comportamento, se torna uma espécie de treinamento para o papel que deve ser cumprido no futuro, com isso Daniela Finco diz :

“É importante ressaltar que os brinquedos são compreendidos como elementos culturais, portadores de significados e de um entendo social e as crianças estão a todo momento recriando novos significados.” (FINCO, 2003, p.08)

Existe também os grupos de crianças, que mesmo não compreendendo o objetivo imposto, se voltam contra esse tipo de brincadeira, chamaremos aqui de crianças queer¹, essa palavra é usada para designar pessoas que não seguem o padrão de heterossexualidade ou da binaridade de gênero.

As crianças Queers mostram desde cedo a resistência por seus corpos, elas não correspondem a manutenção do padrão de gênero da sociedade, o que é desesperador para a mesma, ao perceber essa criança queer, é iniciada o processo de *heteronormatividade*² desses indivíduos em todos os espaços, o professor tem um papel fundamental nesse processo, como relata Cornejo (2012)

“Quase todos os meus professores me adoravam, mas me lembro que os que lecionavam Educação Física eram particularmente hostis a mim. Um desses professores falou com meu pai, porque estava preocupado comigo, e disse a ele que eu era muito afeminado, e que todos os meus colegas zombavam de mim. Meu pai, ao chegar em casa, me repreendeu, e não hesitou em me culpar pela hostilização sistemática pela qual eu passava no colégio. Quando este professor chamou meu pai para falar sobre o meu afeminamento, tornou-se inevitável e óbvia a patologização do meu corpo, como das minhas performances de gênero. O que não era tão óbvio é que, naquele momento, este jovem e atlético professor estava reconhecendo a sua própria impotência para modificar meu afeminamento, sua impotência para me fazer o homem que se supunha que eu deveria ser, e sua impotência para marcar claramente os limites entre ele e eu. Lembro-me de que este não era um professor particularmente hostil a mim. De fato, sempre me convidava para fazer longas caminhadas, para fazer abdominais. Na verdade, era bem atencioso comigo. No entanto, eu recusava todos aqueles convites, não me deixava impressionar por todos os seus esforços, e certamente não lhe dava muita atenção” (CORNEJO, 2012, p. 75-76).

Está aqui claro na citação acima o desrespeito e a falta de acolhimento com o processo do aluno quando o professor observa no aluno um comportamento que não cabe a ele estar

¹ A teoria *queer*, oficialmente *queer theory* (em inglês), é uma teoria sobre o gênero que afirma que a orientação sexual e a identidade sexual ou de gênero dos indivíduos são o resultado de um constructo social e que, portanto, não existem papéis sexuais essencial ou biologicamente inscritos na natureza humana, antes formas socialmente variáveis de desempenhar um ou vários papéis sexuais. (A Teoria Queer. In: Wikipédia. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Teoria_queer>. Acesso em: 14 de setembro de 2018)

² Heteronormatividade (do grego *hetero*, "diferente", e *norma*, "esquadro" em latim) é um termo usado para descrever situações nas quais orientações sexuais diferentes da heterossexual são marginalizadas, ignoradas ou perseguidas por práticas sociais, crenças ou políticas. (Heteronormatividade. In: Wikipédia. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Heteronormatividade>>. Acesso em: 15 de setembro de 2018)

vetando, o desespero pela manutenção da sociedade heteronormativa é tanto, que o professor do exemplo chega a comunicar os pais na tentativa de ter uma medida corretiva em relação ao comportamento do seu aluno, é quase como se a forma que o filho se comporta, fosse de total responsabilidade dos pais que não estão exercendo corretamente o papel de manter os padrões da sociedade, o que o professor não se atenta, é que essa medida *preventiva* poderá trazer danos sérios para a vida do aluno, à medida corretiva dos pais pode partir de uma conversa, até uma agressão física.

“A observação das brincadeiras, na escola pesquisada, tornou possível concluir que as relações entre meninos e meninas podem ser consideradas dados importantes para se construir uma relação não-hierárquica, uma relação de respeito entre os gêneros. Deste modo, o profissional de educação infantil tem papel fundamental para que essas relações possam acontecer de forma livre, sem cobranças quanto a um papel sexual pré-determinado.” (FINCO, 2003, p.06)

Finco reforça o papel do professor, dentro da escola para o êxito do papel da desconstrução dos papéis da heteronormatividade compulsória que as crianças são expostas e que é esperado que se cumpra.

“E os parentes se cutucavam quando eu passava, davam risadinhas, falavam coisas baixinho, olhando disfarçado pra mim. Eu tinha horror deles, que achavam que sabiam tudo sobre mim. Sabiam nada, sabiam bosta do meu ódio enorme por um por um de cada um deles, aquelas barrigonas, aqueles peitos suados, pés cheios de calos. Eu nunca ia ser igual a eles - pequeno monstro, seria sempre diferente de todos”. (Abreu, Caio, 1980, p. 01)

Caio Fernando de Abreu nessa pequena parte do seu conto, consegue descrever perfeitamente como se sente uma criança queer em relação às ações da sociedade sobre seu corpo e seus comportamentos. O personagem que Caio descreve, o pequeno monstro, está passando pela puberdade e se classifica sob a alcunha de algo próximo ao aberrante, pelo fato de sua voz estar mudando, seus braços e pernas estão desproporcionais assim como os pelos que estão crescendo. A diferença do personagem aqui citado com a criança queer que estamos analisando, é que a “monstruosidade” do personagem vem do estético, já a da criança vem do comportamental. O real problema é como ela se comporta em relação às expectativas heteronormatizadas que não estão sendo cumpridas pelo indivíduo, qualquer tentativa, mesmo que mínima, que não se enquadre nessa lógica é classificado como objeto passível de normatização. Esse não cumprimento, faz com que o preconceito surja rapidamente em forma de desaprovação, o que faz com que as crianças se sintam inferiorizadas, e como descreveu o personagem intituladas como “pequenos monstros”. Esse sentimento que a sociedade desperta

nesses indivíduos é extremamente perigoso. Como se desenvolver em um ambiente que te intitula “errado” e “desviante”, que tenta corrigir sua maneira de falar, de sentar, de brincar, o “não encaixe” nas normas heteronormativas causa danos sérios às nossas crianças e as suas formas de expressão?

A tentativa de heteronormatizar o corpo da criança queer, pode ser considerada uma agressão perante os processos de desenvolvimento desse ser, por assim saber que essas crianças são levadas a terem suas brincadeiras direcionadas apenas para o gênero que a sociedade impõe negando assim a vivência de outras experiências.

“A expressão “Heterossexualidade compulsória” foi criada pela estadunidense Adrienne Rich (1980/2010), compreende a heterossexualidade como uma instituição política, em relação a qual, a mulher tem sido parte da propriedade emocional e sexual dos homens e que suas autonomia e igualdade ameaçam a família, a religião e o Estado. As mulheres são tradicionalmente controladas pelas instituições: a maternidade em contexto patriarcal, a exploração econômica, a família nuclear etc. A heterossexualidade compulsória é fortalecida por meio da legislação, como um *fiat* religioso, pelas imagens midiáticas e por esforços de censura”. (SILVA, VALDECI, 2011, p.1)

A heterossexualidade compulsória nada mais é que a pressão imposta pela sociedade para que se cumpra o comportamento esperado da criança que nasceu menina ou menino, excluindo assim do chamado *normal* todo o tipo de manifestação sexual que foge desse padrão, se a heterossexualidade é considerada, por algumas linhas ideológicas, como um comportamento padrão (natural) do ser humano, qual a necessidade de se enfatizar e padronizar o comportamento das crianças para que se siga a norma heteronormativa? Essa indagação nos leva a pensar se a prática da heterossexualidade é algo realmente *instintiva* e tudo que foge desse *instinto* seria de fato errôneo ou patológico.

O papel da escola nesse contexto, é exatamente o contrário do exercido pelo professor no exemplo anterior, a escola deveria até então, apoiar e favorecer o amplo desenvolvimento do sujeito, sendo ele homem ou mulher sem levar em consideração as performances de gênero dos sujeitos, o dever do professor é oferecer opções e assim deixar que seus alunos realizem escolhas. Ainda com essas afirmações Miskolci (2012) ainda diz que o papel exercido na realidade pela escola é contrário a essas afirmações.

“Na perspectiva queer, as identidades socialmente prescritas são uma forma de disciplinamento social, de controle, de normalização [...] o ensino escolar participa e é um dos principais instrumentos de normalização, uma verdadeira tecnologia de criar pessoas “normais”, leia-se, disciplinadas, controladas e compulsoriamente levadas a serem como a sociedade as quer. Em outras palavras, a escola pune e

persegue aqueles e aquelas que escapam ao controle, marca-os como estranhos, “anormais”, indesejáveis” (MISKOLCI, 2012, p. 19).

Todos os dias as crianças queers são ensinadas de forma violenta a como se portarem, com quais brincadeiras irão brincar, essas pessoas se tornam vítimas do sistema que deveria ser um parceiro, vítimas de professores que deveriam contribuir para o sucesso pessoal e acadêmico de suas vidas, mas também todos os dias essas crianças resistem a essas negligências.

Ao utilizar o termo *Criança Queer* não necessariamente estaremos nos referindo a pessoas que futuramente sairão do padrão heteronormativo se assumindo gays, lésbicas, transexuais e etc., mas, sim, falamos por exemplo, nos meninos que têm interesse em bonecas, não relacionando assim seu interesse por ser a mãe, mas sim o pai, essa criança pode ter um pai muito presente na criação de seus filhos trazendo assim esse reflexo na brincadeira. Essa criança foge do padrão de comportamento imposto nas crianças, mas ainda corresponde o mesmo padrão no reflexo condicionado de família pela sociedade, o mais curioso é que mesmo por um lado correspondendo, esse menino irá sofrer consequências pela utilização considerada “indevida” da brincadeira. Também temos o exemplo da menina que gosta sim de brincar de carrinho, a mãe dessa menina pode ter acabado de levá-la de carro a escola, esse cotidiano de pais e mães interferem diretamente no comportamento do brincar da criança, dissociando completamente suas ações na brincadeira com sua sexualidade futura.

Assim, acredito não haver coisas de meninas e coisas de meninos, há coisas, não há carrinho de meninos e bonecas de meninas, há carrinhos e bonecas, essa é uma ideia totalmente construída pela sociedade idealizadora. Essa sociedade imprime nas crianças no momento em que a mãe descobre seu sexo o que esse feto, ainda na incerteza de um nascimento realizará, como vai se comportar, quem vai amar, com o que vai brincar, com quem vai se casar, é impresso um roteiro do que essa pessoa vai suceder na sua vida. Mas o que nos torna homens ou mulheres na vida adulta? Se ser homem vai além de ter pênis, gostar de azul, e de vaginas? O que é ser mulher, se para mim ser mulher vai além desses conceitos da sociedade? Se a ideia do rosa e azul, dos signos masculinos/femininos não existem para mim, o que me torna homem? Como nos classificamos homens e mulheres? E como exibimos isso para as nossas crianças?

Ao indagar essas questões com um amigo, ele me respondeu a seguinte frase: “- Acho que cumprir com o seu papel perante a sociedade independente das suas escolhas, honrando e ter caráter, saber respeitar e defender seus ideais, acredito que o essencial da vida e provarmos

quem somos perante a sociedade e quebrar esse tabu que ser homem e construir uma família tradicional e botar comida em casa, acredito que vai muito além disso”.

Perceba os valores primários da resposta, cumprir um papel perante a sociedade, honrado e ter caráter, respeitar, defender suas ideias, essas características são típicas de um ser humano, independentemente de ser homem ou mulher, uma vez que nos desprendemos do conceito azul de menino, rosa de menina, nos desprendemos da ideia de gênero e nós levamos a unidade de ser humano, independentes do sexo.

O respeito pela unidade do ser na escolarização das nossas crianças é fundamental para uma educação inclusiva, estaremos assim desenvolvendo todos os tipos de imaginação, potencialidade, possibilidade das crianças nas quais estamos nos direcionando, possibilitando que cada um seja responsável pelos seus processos, pelos seus desenvolvimentos, não podemos impedir que nossas crianças tenham seus processos de personalidade castrados por uma sociedade que quer deter e limitar as escolhas dessas crianças.



(Imagem 03 – Dificuldade de Liberdade – Autor: Wérikliis Marques, 2018)

CAPÍTULO 2 - SUICÍDIO, MORTE E A LIGAÇÃO COM A FAMÍLIA.

De: Weriklis do Presente

Para: Família do passado e Família do Futuro

Está tudo bem! Deu certo, não precisa se preocupar, está tudo em ordem por aqui. Ainda somos uma família, ainda estamos todos bem, não do jeito que vocês estão esperando que seremos. Vamos ser bem diferentes, mas vamos ser muito felizes. Mas para alcançar a felicidade que temos hoje, eu preciso alertar vocês de algumas coisas. Olhem para os seus

filhos agora! Vocês acham realmente que irão conseguir uma cura milagrosa na Igreja que vai fazer com que eles se tornem héteros? Vocês realmente acreditam nisso? Ou só é mais fácil se escorar nessa ideia? Se a resposta for a parte fácil, acordem! Mas acordem agora, vocês estão acabando com a gente, não acontecerá nenhuma cura, nenhuma expulsão de espíritos malignos, nenhuma paixão hétero, NÃO ACONTECERÁ! Sabe o que realmente vai acontecer? Vocês vão criar jovens que não se conhecem, não querem, não podem se conhecer, vocês vão se tornar pais desesperados, mais ainda, arriscaria dizer, porque desesperados vocês já estão, mas o que vocês devem fazer? Olhem de novo para seus filhos, se preparem para criá-los, eles são crianças, não há problema em deixá-los brincar do que querem. Parem de tentar fazer com que joguem futebol, falem, andem, se comportem como os outros meninos, eles são especiais demais, explorem o lado criativo, a arte, a dança, a música. Eles sabem fazer isso, foquem no positivo, ignorem as críticas. Isso não faz bem nem para vocês e nem para eles. Ninguém pode julgar ninguém, sejam companheiros! Eles vão precisar de vocês, e se continuarem assim, vocês serão as últimas pessoas a quem eles vão recorrer, sejam o porto seguro deles, haverá horas que não há onde se segurar e então eles afundarão.

Não trago só críticas, trago também elogios. Nós seremos pessoas maravilhosas no futuro, mas tivemos que passar por muita sombra antes de encontrar luz. Sejam essa luz, nos ilumine a partir de agora, nos dê um abraço, diga que ama. Sabemos que vocês nos amam, mas precisamos de afeto, porque lá fora é frio, e precisamos do calor aqui de dentro. E se não for de vocês esse calor, tentaremos encontrá-lo dentro de nós mesmos, e eu digo, que nem todos eles conseguirão.

Vocês se seguraram tanto na esperança de que alguma coisa iria acontecer e eu e meu irmão seríamos amigos. Se esqueceram que ações se praticam no presente, essa coisa ainda não aconteceu. Nós ainda não somos amigos, a falta de empatia não era coisa de criança, agora estamos tão longe, que é difícil dizer a palavra *irmão*. Nos reduzimos a meros fantasmas, a diferença é que conseguimos nos ver, não há palavras, não há abraços, nem comemorações, também não há briga, discussões ou raiva, só não há. Não existe, não tem, não sei o que ele sente em relação a isso. Não sei nada sobre ele, e vocês também não sabem. É uma incógnita, por favor, façam alguma coisa, eu preciso dele, acho que ele também precisou de mim. Tudo seria mais fácil para gente, eu preciso dele como amigo, mas é um muro alto demais, e eu cansei de escalar.

No futuro depois de muita luta, discussão e choro alcançaremos um respeito que está além do que vocês podem compreender agora, esse respeito transbordara entre nós, e é nele que mergulharemos, e ao voltar desse mergulho seremos pessoas completamente diferentes.

Já para vocês do futuro, eu digo que chegará o momento que apenas esse respeito não será suficiente, vocês precisam apoiar nossas diferenças, precisamos compartilhar coisas das nossas vidas, ter vocês como amigos, falar sobre amores, sobre decepções, pedir conselhos, precisaremos dos nossos pais como conselheiros e amigos e não apenas como provedores de um lar.



(Imagem 04 – O estranho dorme ao lado – Autor: Wériklis Marques, 2018)

(...)

Ao procurar o conceito de família na internet encontro o seguinte resultado: “Designa-se por família o conjunto de pessoas que possuem grau de parentesco entre si e vivem na mesma casa formando um lar.” Observe a última sentença da frase - *formando um lar* -, lar para quem? O que você deve fazer, como deve se comportar, com quem deve andar para garantir esse *lar*. Vamos mais a fundo, procuremos então o conceito da palavra lar. Essa significa então: “é uma forma especial de se definir a casa ou os assuntos relacionados a ela, como a convivência com a família e os vizinhos. "Lar" pode ter uma conotação sentimental ou carinhosa. Existe uma expressão popular que diz: "lar, doce lar". (LAR In: Wikipédia.

Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Lar> . Acesso em: 27 de outubro de 2018)

É perceptível a ligação da palavra família com sentimento, com amor, mas muitas às vezes, essa palavra para os LGBTQ+³ de todo o mundo traz um sentido totalmente contrário do que encontramos na nossa pequena busca. Quando nos percebemos enquanto LGBTQ+ a primeira coisa que se passa pelas nossas cabeças é definitivamente as nossas famílias, só de pensar em publicizar a orientação sexual já sobe um frio na barriga, uma dor de cabeça, até mesmo uma náusea, e essas reações só se vão com o conforto do armário. É mais confortável estar dentro desse armário do que no frio que se faz fora dele, quando se está lá dentro você ainda tem um lar, ainda tem uma mãe, pai, amigos, ainda se tem família, mas o processo de sair de lá é uma incógnita. Você não sabe qual e quantas dessas relações vai perder, você só sabe que nunca mais será o mesmo. Em uma pesquisa de campo a psicóloga Lívia Gonsalves Toledo entrevistou uma menina chamada Julia, ela diz:

“Eu penso que, se eu contar, eles [irmãos de Júlia] podem muito bem conversar com os meus pais e a situação toda mudar. Ficar muito melhor para mim. Mas, ao mesmo tempo que eu penso, eu falo: 'Putz. Será que eu não posso acabar com tudo isso?'. [...] acabar com todo esse carinho que a gente tem um pelo outro. Posso estragar a família por causa disso” (Narrativa de Júlia, 19 anos (Toledo, 2013, p. 232).

Rodrigo⁴ de vinte e sete ano, formado em Psicologia, natural do Rio de Janeiro, relata que sua primeira experiência sexual só ocorreu depois dos dezessete anos, mas antes disso, já percebia indícios de uma homossexualidade, enfrentou todo o processo de se assumir para a família, e com a vivência desse processo, Rodrigo nos conta a respeito da sua família dizendo:

“Ainda bem que eu falei, porque me deu o maior suporte [...] Se os meus pais [...] me deram o maior apoio, seguraram a maior onda, [...] se tiver amigo que quiser ir embora, parente que quiser ir embora, eu tenho pra onde correr, sabe? Tem meu pai e minha mãe, que é o núcleo mesmo, bem central na minha vida [...] Então essa coisa de ter falado primeiro pros meus pais, isso foi muito importante mesmo, me ajudou a me colocar mais no mundo.” (SAGGESE, 2009, P 38)

Nos atentamos então a diferença dos depoimentos relatados acima, eles nos mostram a importância da família no processo de acolhimento após a publicização da orientação sexual, e quanto esse apoio pode ajudar o LGBTQ+ a estar presente dentro do mundo, é importante

³ LGBTQ+ - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Queers e outros.

⁴ Nome Fictício.

frisar a parte que ele intitula a família como núcleo central da vida, já Julia traz a preocupação da perda desse núcleo e o que pode acontecer sem ele.

Na dissertação de mestrado de Gustavo Saggese há uma pesquisa que mostra que a família é o segundo ponto de maior discriminação para LGBTQ+. Nas palavras do autor:

“Nas pesquisas realizadas pelo Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos (CLAM) na Parada do Orgulho LGBT do Rio de Janeiro, São Paulo e Recife nos anos de 2004, 2005 e 2006, respectivamente, um percentual não desprezível de homens homossexuais relata ter sofrido algum tipo de discriminação no ambiente familiar (27% no Rio, 25,2% em São Paulo e 31,3% em Recife). Ao se levar em conta todos os participantes não heterossexuais (subdivididos em homens homossexuais, mulheres homossexuais, bissexuais, travestis e transexuais), a casa aparece em segundo lugar como o local onde a agressão considerada mais marcante ocorreu: 15,1% no Rio, 17,2% em São Paulo e 20,2% em Recife.” (Saggese, 2009, p. 38)

Apesar do distanciamento temporal, os dados de pesquisa mais recente, corroboram a pesquisa de Saggese, trazendo novamente a afirmação que um dos locais mais violentos para LGBTQ+, é dentro de suas próprias residências. Uma pesquisa feita pelo Grupo Gay da Bahia (GGB), a partir de informações veiculadas pelos meios de comunicação, nos mostra que:

“Das 445 mortes registradas em 2017, 194 eram gays, 191 eram pessoas trans, 43 eram lésbicas e cinco eram bissexuais. Quanto ao local, 56% dos episódios ocorreram em vias públicas e 37% dentro da casa da vítima. Segundo o GGB, a prática mais comum com travestis é o assassinato na rua a tiros ou por espancamento. Já gays em geral são esfaqueados ou asfixiados dentro de suas residências.” (AGÊNCIA Brasil. In: Levantamento aponta recorde de mortes por homofobia no Brasil em 2017 . Disponível em: <http://agenciabrasil.etc.com.br/direitos-humanos/noticia/2018-01/levantamento-aponta-recorde-de-mortes-por-homofobia-no-brasil-em> Acesso em: 24 de novembro de 2018)

Na pesquisa de Saggese, Recife, foi o estado que mais considerou a família como ambiente agressor, ficou com a porcentagem de 20,2%, a pesquisa do Grupo Gay da Bahia (GGB), nos mostra que um percentual de 37% das agressões são efetuadas dentro de casa, essa crescente de número deixa nítido, que ainda com o passar dos anos, e com toda a evolução tecnológica e informativa, nós gays ainda estamos sofrendo dentro das nossas casas, e que esse número não vem sendo combatido.

Depois desses dados, ainda podemos apontar que um ou uma LGBTQ+ tem realmente um lar garantido e de segurança? Até quando?

Venha comigo para um processo imaginativo que simula a saída do armário, se imagine em um clube, uma chácara, algum lugar com uma piscina e que tenha seus amigos e família. Você está na beira de uma piscina tomando um sol delicioso, então vem aquele seu tio inconveniente e te joga na piscina. Você mergulhou de um jeito estranho, a água bateu nas suas costas e está ardendo, a água está muito gelada. Você sente um frio absurdo, mas então você mergulha e se acostuma com o frio, volta para respirar, tira o cabelo, a água do rosto, mas quando olha em volta não tem mais ninguém na piscina, é só você e a água.

O processo de se assumir é exatamente assim baseado nas minhas vivências, é gelado, doloroso, mas aí você percebe que está mais leve. Que agora as pessoas te conhecem verdadeiramente, não são necessárias mais mentiras ou esconder as coisas, mas o perigo agora começa, e ele pode estar no quarto ao lado.

“Após ser pego no IML, o “monstro” prestou depoimento na delegacia. Segundo a polícia, ele confessou o crime e disse que costumava bater no filho, Alex Medeiros Moraes. O preso disse que espancava o menino para “ensiná-lo a virar homem”, porque, segundo o pai, o garoto gostava de dança do ventre, tinha o hábito de vestir as roupas das irmãs e gostava de lavar louça. (LadoBi. In: Colunistas, pastores e deputados que espalham esse tipo de ideia como "direito inalienável" são responsáveis indiretos por essa atrocidade”. Disponível em: < <http://www.ladobi.com.br/2014/02/pai-matou-filho-de-8-anos-porque-preferia-que-ele-fosse-hetero-ou-porque-gay-se-conserta-na-porrada/> >. Acesso em: 09 de outubro de 2018)

Uma criança de 8 anos, em seu total potencial, assassinada pelo pai, onde deveria encontrar o amor, a ajuda, o modelo, encontra agora, a morte, por gostar de dançar de vestir roupas da irmã, é com pesar que escrevo sobre esse caso, porque eu também fui essa criança, como muitos outros LGBTQ+ são/foram/serão essa criança.

Me pergunto agora qual o processo que levou o pai a se sentir no direito de violar a vida do seu filho, imagino o tamanho do preconceito dentro desse ser humano, foi maior que uma vida, não uma vida qualquer, a vida do próprio filho, seríamos assim capazes de um dia desconstruir uma ideia tão grande de como o ser humano deve se portar? Quem é construtor desse preconceito?

“[...] e o clima pesou de novo. 'Você pensa que você é quem, você tá na nossa casa. Você tem que respeitar. Não pode trazer esse tipo de gente aqui. O que está acontecendo?'. E o meu pai: 'Você tá ouvindo o que eu tô falando? Você fica andando com esse tipo de gente. Você não era assim. Depois que você começou a conviver com esse tipo de gente, você começou a ficar desse jeito'. De responder, de ser mal-educada em casa. Aí eu falei: 'Então tá, vou sair de casa, a partir de amanhã eu não venho mais nessa casa'” (Narrativa de Júlia, 19 anos (Toledo, 2013, pp. 227-228).

A condição de ser, de estar dentro da sociedade enquanto LGBTQ+ se torna um caminho autônomo, independente, o teto que está agora sobre as nossas cabeças, com uma pequena briga pode não estar mais, é esse caso que aconteceu com a Júlia. Se posicionar contrária a decisão do pai, fez com que ela perdesse o direito ao lar, mas esse exemplo não está apenas na vida de Júlia, na realidade a permanência da família é quase como um favor, quando deveria ser direito.

Outro fator que ocorre frequentemente é a anulação dos aspectos afetivos dos filhos uma vez que este se declara LGBTQ+. Para os pais se torna muito mais fácil ignorar completamente a parte afetivo-emocional dos filhos, assim não conhecendo seus parceiros, suas angústias e vivências, mas devemos nos atentar as consequências desse processo. Uma vez que não se conhece essa parte da vida dos filhos, não se conhece também suas frustrações, seus medos, não se é compartilhado as vivências.

“A probabilidade de um jovem homossexual se suicidar é cinco vezes maior do que a de um heterossexual, segundo uma investigação realizada pela Universidade de Columbia, nos Estados Unidos. Mas não pense que a elevada taxa de doença mentais no grupo LGBT tem relação com a sexualidade. De acordo com o estudo, na verdade, o problema é a falta de apoio da família e dos amigos [...]” (VIVABEM In: Preconceito, isolamento e depressão: Solidão LGB precisa ser discutida. Disponível em: <https://vivabem.uol.com.br/noticias/redacao/2018/07/18/preconceito-isolamento-e-depressao-solidao-lgbt-precisa-ser-discutida.htm> Acesso em: 07 de novembro de 2018)

É necessário dizer também, que os pais e mães que excluem essa parte da vida do filho, está negando diretamente o conhecimento integral da vida e das vivências dos seus filhos, é como se o pai conhecesse somente a metade de uma pessoa, olhasse apenas para o que quer ver. Devemos também nos atentar e ter uma escuta sensível pela *dor* dos pais. Esse

segundo efeito de negar a visão integral da vida do filho, é o início de um iceberg, é uma ponta direta de uma aceitação, essa aceitação deve ser trabalhada ao longo do tempo por ambas as partes, com muito cuidado e empatia, os pais procurando entender os filhos e os filhos respeitando os processos dos pais, essa caminhada pode ou não ter um êxito maior.

As chances de um provável suicídio na comunidade LGBTQ+ se torna abundante pelo impacto que a luta para surgir como ser integral na sociedade causa, com isso Fernando Silva diz:

“O suicídio em adolescentes não heterossexuais está acompanhado de certa desesperança e negação interna da sexualidade, que costumam ser reforçadas pela sociedade heteronormativa em que vivemos (Oliveira, 1998). Tal pressão social vem, portanto, acentuar um estado de melancolia no sujeito, que dificultará que ele faça o luto da heterossexualidade, que é um passo fundamental para a construção de uma identidade sexual na qual a pessoa se reconheça e se sinta autorizada a expressar seus desejos, ainda que o contexto em que viva não seja propício. ” (SILVA , 2010, p.5)

Essa desesperança que Fernando Silva nos diz, é muito real na luta dos e das LGBTQ+ o não apoio familiar pode ser o principal fator desse acontecimento, analisemos bem o contexto dessas pessoas. Estão acabando de se assumir, tudo agora é incerto, não há mais a certeza de um lar, de uma família, de amigos, emprego, estudos, não há mais certeza de nada, tudo que vier é somatório nesse momento, qualquer apoio é fundamental nesse momento.

“Jamel Myles, de 9 anos de idade, cometeu suicídio na última quinta-feira, 23, na casa onde morava com os pais em Denver, Colorado, nos Estados Unidos, quatro dias após se assumir gay na escola. A mãe do menino, Leia Pierce, contou que o filho revelou a ela sua homossexualidade há cerca de um ano e foi aceito. Entretanto, quando contou aos seus colegas de classe sobre sua orientação sexual, começou a sofrer bullying. O garoto, inclusive, foi encorajado pelas outras crianças a tirar a própria vida. ” (CATRACA LIVRE. In: Menino de 9 anos se mata após se assumir gay na escola. Disponível em: <https://catracalivre.com.br/cidadania/menino-de-9-anos-se-mata-apos-se-assumir-gay-na-escola/> Acesso em: 02 de dezembro de 2018)

Apenas 4 dias foram necessários para que Jamel tirasse a própria vida, uma criança que não conseguiu encontrar apoio mesmo na sua família, o que nos faz pensar em questões do tipo: quanto a comunidade escolar afeta a vida do indivíduo? Ou quanto o papel da família é fundamental nesse processo. No caso de Jamel, podemos considerar suicídio ou assassinato? A Legislação (AGENCIA Brasil. In: Levantamento aponta recorde de mortes por homofobia

no Brasil em 2017 . Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2018-01/levantamento-aponta-recorde-de-mortes-por-homofobia-no-brasil-em> Acesso em: 14 de novembro de 2018) nos diz:

“CP - Decreto Lei nº 2.848 de 07 de Dezembro de 1940

Art. 122 - Induzir ou instigar alguém a suicidar-se ou prestar-lhe auxílio para que o faça:

Pena - reclusão, de dois a seis anos, se o suicídio se consuma; ou reclusão, de um a três anos, se da tentativa de suicídio resulta lesão corporal de natureza grave.

Parágrafo único - A pena é duplicada:

Aumento de pena

I - se o crime é praticado por motivo egoístico;

II - se a vítima é menor ou tem diminuída, por qualquer causa, a capacidade de resistência.

III – Infanticídio”

No caso de James, será considerado suicídio pelo fato de que os influenciadores eram crianças assim como a vítima, não devemos então acusar as crianças pelo suicídio de James, mas sim analisar em qual contexto histórico-cultural essas crianças estão inseridas, quais valores afetivo-sociais essas crianças estão expostas, por isso deve-se ensinar o respeito a qualquer tipo de existência e manifestações do outro enquanto direito de ser.

“Caso Dandara

O crime aconteceu no dia 15 de fevereiro, no Bairro Bom Jardim, e ganhou repercussão nas redes sociais após o compartilhamento do vídeo que mostra a travesti sendo agredida por um grupo no meio da rua. O vídeo, gravado por uma pessoa que está com o grupo de agressores, mostra parte da violência. A gravação tem 1 minuto e 20 segundos e termina quando os suspeitos colocam a vítima no carrinho de mão, após agressões com chutes, chineladas, pedaços de madeira, e descem a rua. ” (G1. In: Travesti Dandara foi apedrejada e morta a tiros no Ceará, diz secretário. Disponível em: <http://g1.globo.com/ceara/noticia/2017/03/apos-agressao-dandara-foi-morta-com-tiro-diz-secretario-andre-costa.html> Acesso em: 20 de novembro de 2018)

O caso Dandara foi para a comunidade LGBTQ+ um grande peso, foi a chamada para que acordássemos. Dandara foi quase que crucificada, foi apedrejada, levou chutes e pauladas. Dandara representa o corpo dos LGBTQ+, violentada resistiu até a morte, uma morte que foi causada por ser quem era e por isso nós clamamos: DANDARA VIVE!

A testemunha do caso relata ter ligado duas vezes para a polícia, diz também ter avisado que ela seria morta se nada acontecesse, infelizmente a polícia só chegou lá quatro horas depois da *crucificação* sem cruz de Dandara. Digo aqui *crucificação* pelo enredo de toda sua trajetória, a vizinhança diz que Dandara era um ser de luz, que sempre estava disposta a ajudar. Sua irmã descreve Dandara como: “ela muito querida por todos e não deixava de fazer um favor sequer para as pessoas. Sônia afirmou que Dandara sempre era vítima de preconceito. “Ela nunca dizia um não. Ela podia estar cansada, mas era sempre prestativa. Para onde a gente pedia para ela ir, ela ia.” (G1, 2017, P.01)

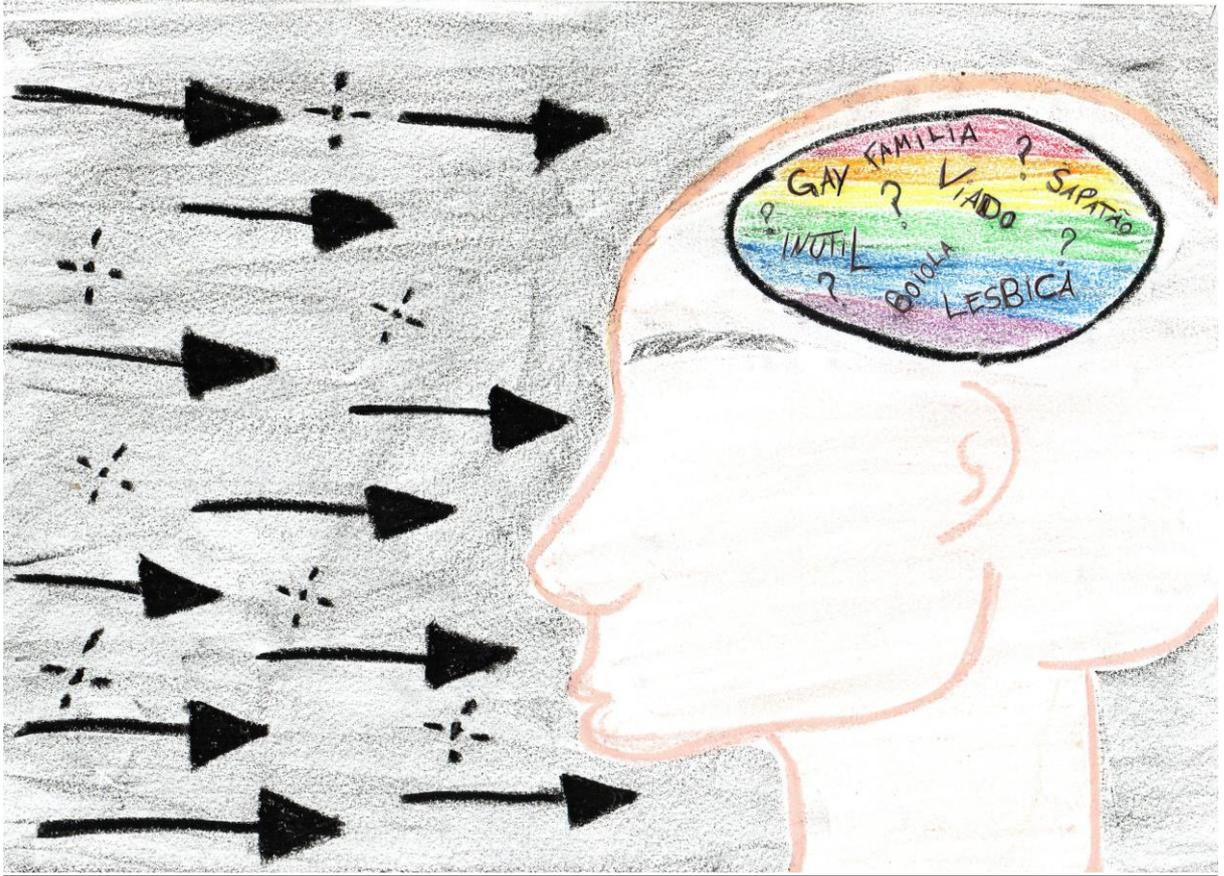
Dandara foi assassinada em uma rua em plena luz do dia, uma rua com muitas casas, com movimentação de pessoas, será que ninguém ouviu Dandara morrer? Quem matou Dandara foi só quem a agrediu fisicamente? Eu digo que todos aqueles que se silenciaram tem sangue de Dandara nas mãos, todos fizeram parte.

Outro caso brutal de homicídio, é o caso Gisberta. Gisberta nasceu Gisberto, era brasileira, se assumiu transexual para a família com 18 anos de idade, e ao perceber a violência no Brasil para com pessoas transexuais decidiu se mudar para Portugal, onde fazia shows em boates. Gisberta com seus shows ainda não conseguia se manter, então começou a se prostituir, na vida noturna contraiu HIV onde começou a ficar muito doente o que se agravou com o uso de drogas, Gisberta já não conseguia mais se manter economicamente, então se viu desabrigada e se mudou para um prédio abandonado. Um grupo de adolescente logo descobre que Gisberta estava morando no prédio, 14 adolescentes pra ser mais exato, então começaram as agressões físicas, Gisberta passou por:

“Durante três dias, Gisberta foi agredida a pedradas, pauladas e chutes. Foi sexualmente torturada com o uso de pedaços de madeira e teve o corpo queimado com cigarros. Entre 21 e 22 de fevereiro, os jovens voltaram ao prédio abandonado. A brasileira não respondia a qualquer estímulo. Ao julgarem que estava morta, planejaram como desaparecer com o corpo. Primeiro pensaram em queimá-lo, mas desistiram por medo de que a fumaça atraísse a atenção de seguranças que trabalhavam num parque próximo. Depois imaginaram enterrá-lo, mas não tinham as ferramentas necessárias. Então, optaram por atirá-la ao fosso do prédio, que estava cheio de água. Gisberta estava inconsciente, mas ainda viva. Morreu afogada”. (BBC. In: A brasileira que virou símbolo LGBT e cujo assassinato levou a novas leis em Portugal . Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/02/160218_brasileira_lgbt_portugal_mf .Acesso em: 21 de novembro de 2018)

O caso Gisberta é emblemático pois mostra o lugar que os corpos considerados abjetos ocupam na sociedade. Mulher transexual, imigrante, em situação de rua, prostituta, soropositiva, a existência de Gisberta era uma ameaça à ordem e para isso precisava ter a vida ceifada com requinte de crueldade. Precisa ser expulsa da humanidade. Na música em sua homenagem, composta por Pedro Abrunhosa e entoada por Maria Bethânia, sintetiza a marca da sociedade que exclui, mata e engendra sofrimento aos considerados dissidentes: “o amor é tão longe”.

Um ano e meio depois da morte de Gisberta, todos os seus agressores estavam soltos, o juiz julgou que foi uma *brincadeira de mau gosto*. O assassinato de um ser humano, foi só uma brincadeira, quem precisa de uma mulher transsexual em situação de rua? Não contente com o julgamento do juiz a comunidade LGBTQ+ de Portugal foi para as ruas clamar por justiça à Gisberta. O que foi muito eficaz e fez com que Portugal enxergasse a injustiça cometida e reformar suas leis, ficando anos luz a frente dos outros países no quesito legislação para a comunidade LGBTQ+. Gisberta precisou morrer, Dandara morreu, Jamel morreu, quantos mais de nós precisará morrer para que se enxergue os nossos corpos querem viver? Quantos mais serão afogados, torturados ou cometerão suicídio para que a sociedade nos percebam enquanto seres humanos existentes e dignos de direitos? Infelizmente não há resposta para essas questões, não há citações a se fazer para responde-las, a única coisa que sabemos, é que vamos sentir, e lutaremos por todos esses que se foram e os que também irão, resistiremos.



(Imagem 05 – O Julgo – Autor: Wérikli Marques, 2018)

CAPÍTULO 3 - RELIGIÃO E OS IMPACTOS NO CORPO ESTRANHO

De: Wériklis do presente

Para: Todos aqueles que conheci na Igreja

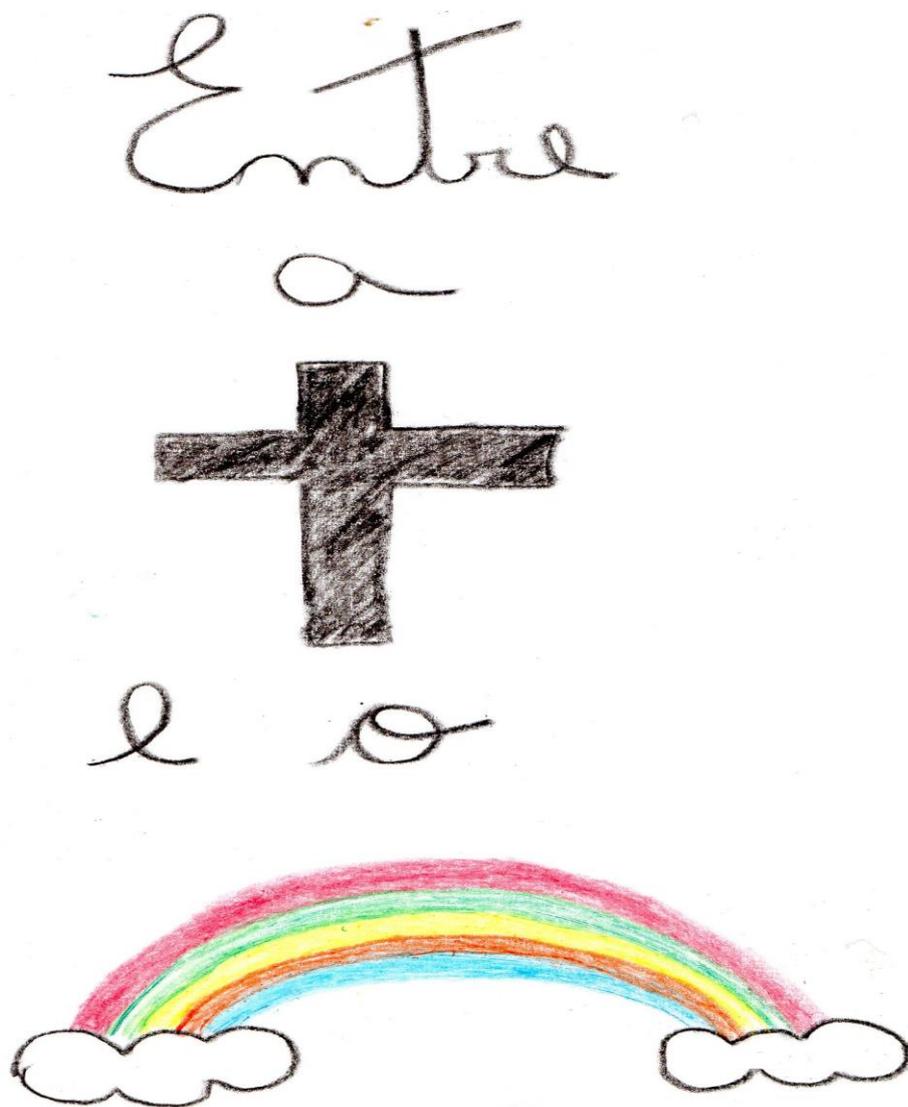
Parabéns, vocês fracassaram! Vocês fracassaram na tentativa de me exorcizar, de tirar todos os demônios, as pombas giras, o mau da criança e do adolescente que eu fui. Vocês, desde muito pequeno, tentaram me ensinar me mostrando que, o que eu era não poderia existir. Eu não poderia ser o que vocês queriam que eu fosse. Me julgavam como errado e me diziam que eu queimaria por toda eternidade no fogo do inferno. Parece demais esses julgamentos para uma criança né? Pois é, vocês me colocaram esse medo, vocês nem imaginam o quanto esse *fogo do inferno* já me consumia, eu o sentia. Mas eu não estava sentindo ele por quem eu era, e desejava ser, eu sentia pelo que vocês faziam comigo. Vocês me colocaram na beira do abismo, foi tanto medo que eu não suportava mais. Eu não poderia ser eu, e por muitos anos eu tentei ser um de vocês, mas nunca consegui. Porque nem vocês mesmos são o que pregam que os outros sejam, nem vocês seguem o que dizem. Eu sei, eu vi, eu ainda vejo toda a hipocrisia da condenação que colocaram em mim nas suas próprias costas. A diferença é que eu não escolhi, já vocês são assim porque querem.

Toda aquela oração não adiantou, sabe porquê? Por que não havia nada de maligno em mim. Só tinha uma criança que queria viver, que queria ser aquilo que nasceu para ser, mas vocês prenderam essa criança em um espaço tão fundo dentro de mim, que eu quase não consegui resgatar. Mas vocês não me venceram, porque como vocês mesmo dizem os *planos de Deus nunca falham* e como Lady Gaga entoa na música *Born This Way Eu sou linda do meu jeito, porque Deus não comete erros*.

Cuidem-se porque se eu fui uma ameaça eu digo que mais ameaças estão nas suas famílias. Os meus sobreviverão, nós resistiremos, independente do que vocês falaram, e um dia reconhecerão que nunca estivemos errados, só não compartilhamos a hipocrisia que vocês nos deram.

Parem de nos tratar como aberrações, porque quando vocês precisam dos nossos dons artísticos, somos os primeiros a ajudar. Se somos tão diabólicos e profanos nos deixem assim,

não use nossa profanidade quando te convém, porque se o que vocês tocam é realmente sagrado, não podemos e nem queremos tocar.



(Imagem 06 – Ponte – Autor: Wérikliis Marques, 2018)

A religião, para aqueles que creem, é uma parte muito importante para o contexto do viver, o significado daquilo que é, o motivo do por que estamos vivendo nesse espaço, é a significância, a essência. A palavra religião deriva do latim, que pode significar, reler, religar ou reeleger, há também a conexão com a ligação da humanidade com a divindade, daí vem o vínculo da palavra com o sentido presente, a ligação dos seres humanos com algo superior. Essa religião faz parte de todo um pacote cultural, logo rege ou não aquilo que o indivíduo deve ou não fazer, como se comportar, no que vai acreditar, quem vai representar, e outros aspectos da vida das pessoas, sobre religião Henning-Geronasso e Moré afirmam que:

“Sua influência alcança as relações interpessoais, o âmbito sociocultural e o intrapsíquico do indivíduo por meio de crenças, valores, emoções e comportamentos (Henning-Geronasso & Moré, p. 712 2015).”

Com isso pode-se dizer que a religião vem fazendo o papel de descrever a conduta moral que seguiremos, sendo essa conduta positiva ou negativa. Nossa conduta moral é guiada diretamente pelas nossas crenças, cultura e valores éticos e morais, assim nossas ações, pensamentos e comportamentos são influenciados pela religião.

Ao nascer, a criança recebe da família um processo educativo daquilo que irá crer ou não, a partir daquilo que o seu núcleo mais próximo acredita como sagrado e professa como religião. Por exemplo, uma criança que nasce em um lar evangélico, logo se filiará a essa religião na infância, e porventura, pode ocorrer, que seu processo de individualização e construção da identidade se *desvie* do evangelho na adolescência ou na idade adulta. A criança, na maioria dos casos, é doutrinada a agir e pensar de acordo com um pensamento imposto por um outro, no caso os pais ou seus pares mais próximos. O real problema desse processo é a falta de opção que essa criança terá pelos anos que se seguirá em sua vida. Vigotski, explica que “o comportamento do homem é o produto do desenvolvimento de um sistema amplo de ligações e relações sociais, formas coletivas de comportamento e cooperação social.” (Vigotsky, p.172, 1994).

Se a religião, nesse caso, é o sistema amplo que Vigotski nos diz, logo ele afirma que o comportamento dos indivíduos será influenciado por esse sistema. As crianças ao nascerem encontram um mundo cultural pronto, em que a religião é um dos muitos elementos que compõem o ambiente social e a sua experiência com o meio. O contato com a história e com as relações sociais será fator preponderante para o delineamento do comportamento dessa criança. Mas é importante ressaltar também que essas determinações culturais, com o passar do tempo e a ampliação das vivências sociais diversificadas da criança, tende-se a se diluir,

seja por causa da alta complexidade funcional, ou pela discordância cultural que os indivíduos começam a manifestar, delineando seu processo de individualização e construção da identidade. Neste capítulo observaremos o que dizem algumas religiões sobre as pessoas LGBTQ+ e os impactos desses ensinamentos que estamos expondo nossas crianças. Para melhor analisar esses aspectos consideramos pertinente apresentar o depoimento colhido por meio de uma entrevista via WhatsApp, realizei convidando um amigo, que topou ser entrevistado.

O entrevistado cresceu em um lar que pregava a cultura cristã, e a partir desses ensinamentos nos relata como foi esse processo da sua aceitação enquanto indivíduo homossexual.

“Cresci em um lar Cristão, como a maioria das famílias brasileiras, rodeado de amor e felicidade, cantava na igreja, sempre me dediquei ao máximo para minha religião, aos poucos fui sendo excluído pela mesma, nunca consegui uma namorada, também, nos passeios da igreja nunca jogava futebol, até parecia que eu tentava esconder de mim mesmo minha sexualidade, mais por anos vivia me submetendo a esse tipo de constrangimento pra tentar me encaixar no meu meio social, a religião no Brasil têm o poder de agregar a maioria e excluir a minoria, isso me fez pensar se eu realmente estava inserido no meio certo, até quando eu estaria disposto a aguentar chacota dos meus colegas de igreja por não está nos mesmos padrões que eles, com tudo isso, me via cada dia mais distante daquilo que era a coisa mais importante pra mim, afinal eu amava minha religião, a tal ponto dela me excluir e mesmo assim eu passar por cima como se nada estivesse acontecendo, cheguei ao ponto de me sentir completamente excluído daquele lugar que era chamado de “igreja do amor” estava rodeado de pessoas religiosas me julgando por quem eu sou, a religião no Brasil está em retrocesso, odiando quem mais precisa de amor e amando quem mais precisa de correções, me pergunto constantemente por que eu nasci gay, seria tão simples ser um “garoto normal” por que tenho que passar por situações diárias a respeito da minha sexualidade, hoje eu posso dar meu grito de liberdade e dizer que a religião não me domina mais, ela não tem mais o poder de me aprisionar e controlar minha maneira de ser, a todos que estão passando por essa fase tenho um conselho; SEJAM FORTES E CORAJOSOS!” (Marcos⁵, 2018, 22 anos)

Essas palavras nos fazem refletir um pouco sobre o real papel que a igreja teve na vida desse indivíduo. O amor que ele sentia pela instituição, era tão grande ao ponto de abdicar o direito de ser por aqueles que na verdade estavam nada mais que menosprezando a existência

⁵ Nome Fictício

de um outro diferente. O título que a igreja carrega - igreja do amor - vem contradizendo totalmente suas práticas perante ao que o entrevistado nos diz e nos traz alguns questionamentos: para quem essa igreja seria a igreja do amor? Para os héteros, brancos, cis⁶, de classe média? E as outras pessoas? O que essa igreja representa para elas?

Também nascido em um lar evangélico Nichollas⁷ nos diz como foi estar com medo de uma condenação, um medo que foi cautelosamente e propositalmente sendo cultivados pela família e pela igreja. Nichollas diz em uma entrevista feita por mim que:

“Se descobrir gay e cristão, foi bem difícil no começo. De início eu me auto condenava muito até mesmo pelos ensinamentos que eu tive durante todo esse tempo, sendo mais exato há 7 anos atrás, me sentia reprimido pelo medo de supostamente ir pro inferno por ser diferente ou simplesmente por amar do meu jeito, com o passar do tempo percebi que todo aquele discurso não tinha muito haver com Deus ,mais sim com a opinião normativa que mais uma vez queria de alguma forma que eu me encaixasse em um padrão na qual a sociedade me veria melhor, o tempo foi passando e eu perguntava muito a Deus o porquê de eu estar passando por tudo aquilo por simplesmente amar, porque me viam como estranho, ou até mesmo como doente como muitos pregam por aí, daí me dei conta que a culpa não estava em Deus e que eu poderia amar e ser livre de acordo com o que eu acreditava independente do que iriam dizer porque é isso que está lá na BÍBLIA Deus é amor.[...] [...] E pra finalizar Jesus disse "Amai ao próximo como a ti mesmo." Hoje entendo que quando ele deixou essa passagem ele não fez acepção de pessoas ele simplesmente pediu para amar independente das diferenças.” (Nichollas, 23 anos

Observemos a parte que Nichollas fala: “me sentia reprimido pelo medo de supostamente ir pro inferno por ser diferente ou simplesmente por amar do meu jeito, com o passar do tempo percebi que todo aquele discurso não tinha haver com Deus, mas sim com a opinião normativa. ” Essa fala nos mostra claramente, mais uma vez, a tentativa de heteronormatizar os indivíduos. Mas no quesito religião, se apela para um *castigo* divino vinculado ao padecimento, que muito se assemelha a uma espécie de terror psicológico visando extirpar o comportamento considerado desviante dos valores defendidos. O medo, vinculado principalmente a figura metafórica do inferno, por ser não ser heterossexual é implantado desde muito cedo nas nossas crianças como uma tentativa de correção por

⁶ Cis/Cisgênero - É o termo utilizado para se referir ao indivíduo que se identifica, em todos os aspectos, com o seu "gênero de nascença".

⁷ Nome Fictício

punição. Uma punição espiritual que encontra na bíblia cristã sua fundamentação, que descreve quem vai para o inferno e suas características como:

“Mas os covardes, os incrédulos, os depravados, os assassinos, os que cometem imoralidade sexual, os que praticam feitiçaria, os idólatras e todos os mentirosos - o lugar deles será no lago de fogo que arde com enxofre. Esta é a segunda morte”.

Apocalipse 21:8 (Bíblia, 2008)

E é dessa forma que o inferno é apresentado para as pessoas. Desde muito pequenas, essa imagem aterrorizante tem a função de mediar a autorregulação dos indivíduos nas suas condutas morais. Outra forma de regulação da infância nas igrejas cristãs são as músicas gospels, que são expostas para as crianças desde a mais tenra idade. Um dos exemplos mais fortes desse marcador de terror e regulação psicológico infantil no cristianismo, é a música “Deus nos amou” do álbum “Quem é Jesus? ”, da banda Diante do Trono. A música inicia com a seguinte frase: “Quem pecar vai pagar, quem pecar vai morrer”. Devemos lembrar que é uma música para crianças e o quão forte essa frase é, pois, vincula o pecado a morte, temas não muito recorrentes e indicados para crianças. A partir da análise da canção conseguimos identificar a tentativa de doutrinação e regulação do comportamento pelo viés do medo e do terror. No verso seguinte, as crianças e a cantora principal (Ana Paula Valadão), em um clima bastante lúdico, cantam: “Mas Deus não iria deixar, aqueles a quem ele ama sofrer sem parar.” Esse trecho nos traz uma premissa contraditória⁸, pois, se Deus não deixaria todos aqueles que ele ama sofrer sem parar (ir para o inferno) logo todos estamos salvos independente das nossas ações no mundo. Então de acordo com a música e com os preceitos bíblicos, eu sendo um pecador, pagarei e morrerei, mas Deus não me deixaria no inferno pelo seu amor por mim. Uma prova do amor incondicional de Deus por nós é a passagem encontrada em Isaías que diz:

“Haverá mãe que possa esquecer seu bebê que ainda mama e não ter compaixão do filho que gerou? Embora ela possa esquecê-lo, eu não me esquecerei de você! ”

(Isaías 49:15, Bíblia, 2018)

⁸ Premissa/Premissa contraditória - São proposições que pretendem apoiar a conclusão ou a justificam, logo premissa contraditória são proposições que falham no dever de apoiar a conclusão, dando embasamento para argumentos contrários à proposição

As religiões Abraâmicas (judaísmo, cristianismo e islamismo entre outras) tendem a perceber a homossexualidade como um ato pecaminoso. No livro de Levítico, por exemplo, encontrado na Bíblia Sagrada se encontra a passagem que diz:

“Se um homem coabitar sexualmente com um varão, cometerão ambos um ato abominável; serão os dois punidos com a morte; o seu sangue cairá sobre eles.” — Levítico, 20:13-14. (Bíblia, 2008)

É perceptível aqui, o quanto a homossexualidade na Bíblia é um ato totalmente errado, de má conduta dos indivíduos e que seus praticantes serão levados à morte (física) e a morte espiritual (inferno).

Já o Espiritismo Kardecista, enxerga a homossexualidade de uma forma muito mais branda e suave, uma forma mais natural e espiritual, sem condenações ou morte.

“O Espiritismo crê que o espírito humano não tem sexo e que um mesmo espírito pode em diferentes encarnações habitar igualmente o corpo de um homem ou de uma mulher, sendo capaz de amar homens e mulheres. Não existe uma posição oficial sobre a homossexualidade. Alguns doutrinadores, como José B. de Campos, pregam que a questão mais importante no tocante à homossexualidade é a promiscuidade, aconselhando o homossexual a tomar um parceiro e constituir um lar¹. O doutrinador e médium Divaldo Franco posiciona-se de forma semelhante, frisando que o homossexual, como o heterossexual, será julgado conforme sua conduta moral, independente da sexualidade”. (HOMOSSEXUALIDADE E RELIGIÃO. In: Wikipédia. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Homossexualidade_e_religi%C3%A3o . Acesso em: 25 de novembro de 2018)

O Espiritismo também explica a homossexualidade, como por exemplo, uma alma que em outras vidas foi várias vezes mulher, e que nessa vida encarnou como homem, logo traria bagagens dessas outras vidas, logo o *desvio* sexual seria natural de outra vida e não uma depravação de uma vida atual.

O Islamismo assim como o cristianismo também desaprova o ato homossexual, sugerindo punição de morte, multa ou punição corporal. Eles percebem que a atração por um outro do mesmo sexo é normal e esperável, mas os indivíduos devem rejeitar essa atração para que o pós vida no paraíso venha a acontecer. O alcorão (livro sagrado dos islamitas) diz:

“Dentre as criaturas, achais de vos acercar dos varões, deixando de lado o que vosso Senhor criou para vós, para serem vossas esposas? Em verdade, sois um povo depravado!” — Alcorão, "Os Poetas" (26a. sura), 165-166

O Alcorão explica o porquê de os homossexuais serem intitulados por eles como *depravados*. Logo ação de deixar de lado aquilo que Deus criou para o homem com a função de ser esposa é um crime perante as leis naturais da vida humana.

Spinoza (1677) diz: no Tratado Teológico político (1997) que:

“Y de que la fe ya no sea más que credulidad y prejuicios? Pero uno prejuicios que transforman a los hombres de racionales en brutos, puesto que impiden que cada uno use de su libre juicio y distinga lo verdadero de lo falso.” (Tratado Teológico-político, P.67)

Em tradução livre nos diz: “E essa fé não é mais que credulidade e preconceito? Mas preconceitos que transformam os homens de racionais a grosseiros, uma vez que impedem todos de usar seu julgamento livre e distinguir o verdadeiro do falso.” Spinoza os diz nesse trecho que essa fé ministrada nos transforma de racionais para ignorantes, ou seja, não seria de maneira alguma, um conhecimento libertador, mas sim de algemas, um conhecimento que nos impediria de alcançar a liberdade. Spinoza (1997) ainda compara religião com a escravidão dizendo: “Para ello, tuve que señalar, en primer lugar, los principales prejuicios sobre la religión, es decir, los vestigios de la antigua esclavitud”. (Tratado Teológico-político, p.65) que traduzido para o português diz: “Para ele, eu tive que apontar, em primeiro lugar, os principais preconceitos sobre a religião, isto é, os vestígios da escravidão antiga.”

Para Spinoza a verdadeira religião é o seguimento das leis naturais, do ponto de vista do estado natural, é a caridade e o amor ao próximo, o que realmente precisamos praticar é o respeito mútuo pelo outro. As diferenças, premissa humana, são existentes em todos nós, seja na sexualidade, nas aparências ou em outros aspectos. O que não deve acontecer é a padronização do comportamento dos indivíduos, somos todos diferentes, e não é possível realizar essa padronização sem a invasão da intimidade do outro que se torna uma violência direta ao existir.



(Imagem 07 – Breathin – Autor: Wérikliis Marques, 2018)

CAPITULO 4 - O FIM DOS RELATOS DO COMEÇO DE UMA VIDA DE LUTA

As discussões levantadas ao longo desse trabalho monográfico, que tem como tema central as discussões de gênero e sexualidade a partir das memórias do autor, se faz de extrema importância para a nossa sociedade pelo fato de trazer à tona as lutas diárias que indivíduos LGBTQ+ enfrentam durante toda a sua vivência na sociedade. A publicação dessas lutas, no atual contexto histórico em que o Brasil se encontra, se torna uma militância necessária em vista aos ataques diretos que as discussões de gênero e sexualidade tem sofrido.

O compartilhamento de experiências interpessoais é debatido e analisado na tentativa de encontrar uma melhor maneira de se tratar nossas crianças do futuro, conforme trouxemos no primeiro capítulo. “A educação significa sempre, em última instância, a mudança da conduta herdada e a inoculação de novas formas de reação.” (Vigotski, Psicologia Pedagógica, p. 41, 2004). Essa nova forma de reação, é buscada aqui como uma forma livre de tratarmos nossas crianças, permitindo assim que brinquem e desfrutem de suas infâncias da forma libertária, que a infância seja tratada como uma fase de construção de um indivíduo de potência, preparado para a vida em sociedade pautada na democracia e na garantia dos direitos humanos.

Aos professores e familiares, mostramos aqui que a conservação da heteronormatividade se organiza a partir das leituras que os adultos fazem sobre o brincar das crianças, generificar as brincadeiras infantis a partir do binário masculino-feminino. Apontamos também que essas ações trazem riscos a liberdade da criança e congrega para a manutenção e enquadramento dos padrões de gênero e sexualidade. O conceito de azul, cor de menino, rosa, cor de menina, é um saber cultural e intencional do nosso sistema, que tenta cada dia mais podar os indivíduos de serem o que desejam ser nos seus direitos mais fundamentais de livre expressão. Devemos nos atentar a essas marcas que as sociedades impõem sobre os sujeitos e questionar a sua manutenção. Com isso Vigotski (2004) nos alerta sobre a importância do tema da sexualidade na vida escolar das nossas crianças:

“O problema sexual foi oficialmente desterrado da vida escolar e considerado inexistente. Essa ignorância do problema fez com que se lutasse contra todas as manifestações do sentimento sexual e se declarasse que todo esse campo era sujo e ruim; a isso os educandos responderam com neuroses, com graves dramas ou colocaram na clandestinidade essa magnífica força do corpo humano” (Psicologia Pedagogia, P. 93)

Vigotsky nos mostra nessa passagem de *Psicologia Pedagógica* (2010), que banir da vida escolar a pauta da sexualidade, fez com que os alunos começassem a ver os seus sentimentos sexuais como algo sujo, ou como ele mesmo pontuou, clandestino. Essa ação é muito séria, negativa todo um processo de extrema importância para a vida desses educandos. Por isso, nós professores, devemos nos atentar, as pautas que serão ministradas em sala, sempre lembrando do respeito mútuo com os processos de individualização do outro.

Esse papel de informação, também é expandido para a família, as faltas de conversas a respeito do tema dentro desses núcleos trazem danos recorrentes a vida dos LGBTQ+. Esse assunto foi debatido no segundo capítulo que é intitulado Suicídio, morte e a ligação com a família e mostramos as taxas altíssimas de suicídio neste grupo de indivíduos. O que nos faz refletir a causa real desse acontecimento e nos indagarmos: que impulsiona o grupo a desistir do direito de viver? Traremos aqui algumas causas para esse impulsionamento do suicídio na comunidade LGBTQ+, causas essas como: agressão na sociedade e também na família, bullying, não aceitação da sexualidade, entre outros. Neste capítulo também abordamos a importância da família na saúde mental dos indivíduos, ela exerce uma função de extrema importância e esse papel pode ser utilizado para o apoio ou também para o desamparo. Concluimos que jovens LGBTQ+ que tem o apoio de suas famílias conseguem ser mais fortes e combatentes nas suas lutas diárias, mostramos que a família pode se tornar o ponto de força dessas pessoas. A família também pode exercer outras funções que são decisivas na vida dos LGBTQ+, que é o papel do abandono, do desprezo, essas duas alternativas são mostradas a partir de relatos narrados pessoais.

A família constrói nos filhos valores culturais, esses valores construirão os indivíduos a partir do que eles receberão dessa cultura. Um dos grandes marcadores culturais que abordamos, é a religião. A religião faz um papel muito decisivo na vida das pessoas, pois engendra valores morais pautados em preceitos. Ela é responsável por regular através dos seus ensinamentos e doutrinas as ações dos indivíduos por meio de supostas penalizações ou bonificações na vida terrena ou espiritual. Essa doutrinação se torna perigosa uma vez que os ensinamentos são transferidos para as crianças sem o consentimento das mesmas, os pais escolhem a cultura religiosa que querem doutrinar seus filhos, e essa escolha narrará as ações dos filhos até que eles cresçam e consigam decidir as suas próprias crenças. O real perigo é o que essas religiões estão dizendo sobre a população LGBTQ+, trouxemos a visão de algumas das religiões com maior número de fieis, citamos o cristianismo, espiritismo e o islamismo. Demonstramos que as visões do cristianismo e do islamismo são bem parecidas, uma vez que

condenam a prática homossexual de forma pecaminosa. Já o espiritismo kardecista traz uma forma mais serena de explicação das pessoas nascem homossexuais. Essa comparação que fizemos das religiões nos mostra as diferentes perspectivas de vida que os indivíduos podem ter baseados nas crenças que seus pais escolherão para eles. Uma pessoa que cresceu na religião espírita, por exemplo, pode ter a maior facilidade em se assumir LGBTQ+, uma vez que sua religião não abomina suas práticas sexuais, diferentemente de uma pessoa que foi doutrinação no cristianismo, onde se prega que homossexuais terão uma eternidade de dor.

Esses impactos, seja familiar, religioso ou escolar, é decisivo para a vida dos indivíduos, sejam eles Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis, Transexuais ou Queers, o que se deve ser pregado nesses espaços, é o respeito mútuo pelo direito de ser, de escolher e de estar no mundo, o direito de amar a quem quiser, de se vestir e brincar do que quiser, de ser reconhecido pelo gênero escolhido, ser chamado pelo nome desejado, esse respeito deve ser cultivado em todos os espaços. Nosso dever como educadores é instruir nossas crianças a esse respeito, ao exercício da cidadania, da democracia e dos direitos humanos. Com isso concluo com uma frase emblemática de Paulo Freire que deveria resumir o nosso sistema de educação: “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo.” (FREIRE, *Pedagogia do Oprimido*, 1981, p.79.)



(Imagem 08- Transcender - Autor: Wérikli Marques, 2018)

PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

Os estudos para a construção desse trabalho me auxiliaram para o embasamento mais aprofundado das minhas concepções pessoais enquanto desconstrutor das perspectivas heteronormativas que são dia após dia reafirmadas dentro das nossas crianças e que causam os efeitos tão negativos apresentados por esse trabalho monográfico. É necessário a reforma da forma de educar, é necessário humanizar esse processo, saber que não estamos lidando com número, com matrículas, mas sim com pessoas, pessoas de potência, que são capazes de realizarem grandes coisas.

Saber a fundo o que os brinquedos e a forma como são organizados os espaços infantis são intencionais para a manutenção da *ordem* de gênero e sexualidade me causou incomodo. Conhecer e analisar esse sistema, saber que existe toda uma organização intrínseca por trás dessas ações me traz a vontade de denunciar todas essas ações, e acredito que a monografia traz muito disso.

Com todos esses conhecimentos, espero me tornar na prática um profissional que está atento a esses marcadores da heterossexualidade compulsória, um profissional que permita que infância seja o local da liberdade e da experiência.

REFERÊNCIAS

A BÍBLIA. **Apocalipse**. Tradução de João Ferreira Almeida. Rio de Janeiro: King Cross Publicações, 2008. Novo Testamento.

A BÍBLIA. **Isaias**. Tradução de João Ferreira Almeida. Rio de Janeiro: King Cross Publicações, 2008. 1110 p. Velho Testamento

A BÍBLIA. **Levítico**. Tradução de João Ferreira Almeida. Rio de Janeiro: King Cross Publicações, 2008. Velho Testamento

ABREU, Caio. **“Os Dragões não conhecem o paraíso”** – 1980, p.01. Publicado por Agir Editora, 2006

A Teoria Queer. In: Wikipédia. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Teoria_queer>. Acesso em: 14 de setembro de 2018

AGENCIA Brasil. In: **Levantamento aponta recorde de mortes por homofobia no Brasil em 2017** . Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2018-01/levantamento-aponta-recorde-de-mortes-por-homofobia-no-brasil-em> Acesso em: 14 de setembro de 2018

BAQUERO, Ricardo. **Vygotsky e a aprendizagem escolar**. Trad. Ernani F. da Fonseca Rosa. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

BBC. In: **A brasileira que virou símbolo LGBT e cujo assassinato levou a novas leis em Portugal** . Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/02/160218_brasileira_lgbt_portugal_mf .Acesso em: 21 de novembro de 2018

BRASIL. **Decreto n. 2.848 de 07 de dezembro de 1940**. Jusbrasil, Brasília,DF, dez 2018.

CATRACA LIVRE. In: **Menino de 9 anos se mata após se assumir gay na escola**. Disponível em: <https://catracalivre.com.br/cidadania/menino-de-9-anos-se-mata-apos-se-assumir-gay-na-escola/> Acesso em: 02 de dezembro de 2018

COLE, Michael (org). **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores L.;S Vygotsky**, São Paulo: Martins Fontes,1998

CORNEJO, Giancarlo. **A guerra declarada contra o menino afeminado**. In: MISKOLCI, Richard. **Teoria queer: um aprendizado pelas diferenças**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora; UFOP - Universidade Federal de Ouro Preto, 2012 (73-82).

FAMÍLIA. In: Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Fam%C3%ADlia> Acesso em: 2 de dezembro de 2018

FREIRE, Paulo, **Pedagogia do oprimido**. 9 ed., Rio de Janeiro. Editora Paz e Terra. 1981

FINCO, Daniela. **Relação de gênero e as brincadeiras de meninos e meninas na Educação Infantil**. Pro-posições. Dossiê Gênero e infância, n.41 P.08, 2003

GONSALVES, Livia. **Abrindo o armário 'entre quatro paredes'**.2013. Disponível em: <http://seer.psicologia.ufrj.br/index.php/abp/article/view/810/821> Acessado em: 02 de dezembro de 2018.

G1. In: **Travesti Dandara foi apedrejada e morta a tiros no Ceará, diz secretário**. Disponível em: <http://g1.globo.com/ceara/noticia/2017/03/apos-agressao-dandara-foi-morta-com-tiro-diz-secretario-andre-costa.html> Acesso em: 20 de novembro de 2018

Henning-Geronasso, M. C. & Moré, C. L. O. O. (2015). **Influência da religiosidade/espiritualidade no contexto psicoterapêutico**. Psicologia: Ciência e Profissão, 35(3), 711-725. doi: 10.1590/1982-3703000942014

Heteronormatividade. In: Wikipedia. Disponível em: < <https://pt.wikipedia.org/wiki/Heteronormatividade> >. Acesso em: 15 de setembro de 2018

HOMOSSEXUALIDADE E RELIGIÃO. In: Wikipédia. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Homossexualidade_e_religi%C3%A3o . Acesso em: 2 de dezembro de 2018

LAR In: Wikipedia. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Lar> . Acesso em: 27 de outubro de 2018

MACHADO, J. P.; **Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa, verbete "Alcorão" Centro de Estudos e Divulgação do Islam, Livros Divinos**. (visitado em 06/08/2008) "O Alcorão" - tradução de Mansour Challita ISBN 978-8-7799-168-6 -Ed. 1ª - Jan.2010 Alcorão: E Deus falou sua língua

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora; UFOP - Universidade Federal de Ouro Preto, 2012.

OLIVEIRA, E. A. **Modelos de risco na psicologia do desenvolvimento**. Psicologia: Teoria e Crítica, São Paulo, v. 14, n. 1, 1998,

SAGGESE, Gustavo. In: **Quando o armário é aberto: visibilidade e estratégias de manipulação no coming out de homens homossexuais**. Disponível em: http://www.clam.org.br/bibliotecadigital/uploads/publicacoes/1095_944_saggese.pdf .

Acesso em: 02 de dezembro de 2018

SILVA, Valdeci. In: **Heterossexualidade compulsória: A obrigação de desejar o sexo oposto**. Disponível em: <https://www.algosobre.com.br/psicologia/heterossexualidade-compulsoria-a-obrigacao-de-desejar-o-sexo-oposto.html> Acesso em: 15 de setembro de 2018

SPINOZA, Baruch de, **Tratado político**; tradução e prefácio de Nicolás Gonzales Varela, [Ed. Especial]

VIGOTSKI, L. S. (2004a). *Psicologia pedagógica*. São Paulo: Martins Fontes.

VIGOTSKI, Lev Semyonovitch. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. Tradução de: José Cipolla Neto, Luis Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. 7ªed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

VIVABEM In: **Preconceito, isolamento e depressão: Solidão LGB precisa ser discutida**. Disponível em: <https://vivabem.uol.com.br/noticias/redacao/2018/07/18/preconceito-isolamento-e-depressao-solidao-lgbt-precisa-ser-discutida.htm> Acesso em: 07 de novembro de 2018